



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES, ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA
DEPARTAMENTO ARTES BASE - BAB**

TÁBITA DUARTE DE FARIA MARANGONI
DRE: 115217184

**TERRA NUA
HORIZONTES NA PINTURA**

Rio de janeiro - RJ
2022

TÁBITA DUARTE DE FARIA MARANGONI

**TERRA NUA
HORIZONTES NA PINTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pintura
apresentado à Escola de Belas Artes da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à obtenção do
grau de bacharel em Pintura.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Frederico Carvalho

Rio de Janeiro - RJ
2022

CIP - Catalogação na Publicação

M311t Marangoni, Tábita Duarte de Faria
Terra Nua: Horizontes na Pintura / Tábita
Duarte de Faria Marangoni. -- Rio de Janeiro, 2022.
99 f.

Orientador: Frederico Carvalho.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. Pintura. 2. Escola de Belas Artes. 3.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. 4. Terra.
5. Ciência e Arte. I. Carvalho, Frederico , orient.
II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

TÁBITA DUARTE DE FARIA MARANGONI

**TERRA NUA
HORIZONTES NA PINTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pintura
apresentado à Escola de Belas Artes da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à obtenção do
grau de bacharel em Pintura.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof.º Dr.º Frederico Carvalho- EBA/UFRJ

Prof.º Dr.º Júlio Ferreira Sekiguchi - EBA/UFRJ

Prof.ª Me. Maria de Lourdes Barreto - EBA/UFRJ

A estudante supracitada está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota da estudante.

Ao meu esposo, filhos e amada família.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Eterno, Criador de toda Terra.

Ao meu esposo Daniel, pelo imensurável incentivo.

Meus filhos, Moisés, Júlio e futuro bebê, alegrias da minha existência.

Aos meus familiares pelo apoio e torcida durante a longa trajetória.

Ao meu orientador Prof.^o Dr. ^o Frederico Carvalho pelo suporte.

Ao grupo de docentes responsáveis pelas inúmeras disciplinas ministradas no curso de Pintura, os quais me proporcionaram conhecimentos imprescindíveis para concretizar esta relevante etapa de minha formação profissional.

Aos colegas e às colegas do curso, pelo companheirismo e amizade.

We are all temporarily not soil.
(Francis Hole¹)

¹ Francis Doan Hole foi um pedologista, educador e músico americano, mais conhecido por suas contribuições ao mapeamento da extensão dos solos e suas propriedades na região de Wisconsin e ao usar palestras e apresentações musicais inventivas para comunicar e popularizar o campo da ciência do solo. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Francis_D._Hole. Acesso em: 23 dez. 2021.

RESUMO

A presente pesquisa a partir de repensar o conceito de paisagem trilha um caminho para a reflexão sobre seu gênero na pintura contemporânea com foco nas erosões do solo em consequência das alterações climáticas. O objeto investigado, o solo, ao perder as estruturas que o compõem oferece uma temática problemática por ser um dos mais importantes recursos naturais do planeta, em processo de degradação. A contemplação está diante destas decomposições, um sinal dos tempos acelerados do Antropoceno. Elas capturaram o olhar pelo deslumbramento da beleza da cor e concomitantemente há um descontentamento via contradição da destruição. Em diferentes graus, estes esvaziamentos de terra são registros de uma paisagem natural da própria dinâmica do planeta, porém a promoção acelerada do desequilíbrio desta remoção é intensificada por ações antrópicas. Este projeto se dedica a representar um estudo teórico e com representação visual baseado na observação do solo nu, unido à vegetação, céus e águas, o conjunto da simbiose necessário à subsistência humana. Este trabalho se divide em três partes: a conceituação de paisagem, as questões do solo estudado por ciência e arte e os processos pictóricos e desenvolvimento de pesquisa pictórica própria. Nesta última são ordenadas as produções de pintura de paisagem em óleo e acrílica sobre tela. Uma janela dos horizontes, as paisagens de erosões representam uma locução entre memória e tempo, duas palavras para contar uma mesma coisa unidas ao sentimento da artista em relação à preservação e entendimento de paisagem, natureza e sua própria linguagem plástica desenvolvida.

Palavras-chave: Solo. Paisagem. Pintura. Meio Ambiente. Erosões.

ABSTRACT

This research, based on rethinking the concept of landscape, leads a way to reflect on its genre in contemporary painting with a focus on soil erosion as a result of climate change. The investigated object, the soil, when losing the structures that compose it, offers a problematic theme for being one of the most important natural resources on the planet, in the process of degradation. Contemplation is faced with these decompositions, a sign of the accelerated times of the Anthropocene. They captured the eye by the dazzle of the beauty of color and concomitantly there is discontent via the contradiction of destruction. To different degrees, these land emptyings are records of a natural landscape of the planet's own dynamics, but the accelerated promotion of the imbalance of this removal is intensified by anthropic actions. This project is dedicated to representing a theoretical study with visual representation based on the observation of bare soil, together with vegetation, skies and waters, the set of symbiosis necessary for human subsistence. This work is divided into three parts: the conceptualization of landscape, the issues of soil studied by science and art and the pictorial processes and development of own pictorial research. In the latter are ordered the productions of landscape painting in oil and acrylic on canvas. A window of horizons, the landscapes of erosion represent a locution between memory and time, two words to tell the same thing together with the artist's feeling in relation to the preservation and understanding of landscape, nature and her own developed plastic language.

Keywords: Soil. Landscape. Painting. Environment. Erosions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA	12
PARTE I – PAISAGEM	
1 PAISAGEM.....	13
1.1 Origem de um conceito	13
1.2 Etimologia da palavra paisagem.....	16
1.3 Paisagem uma construção cultural.....	18
2 INVENÇÃO DE ARTISTA	20
2.1 A cor na paisagem	20
PARTE II – SOLO, CIÊNCIA E ARTE	
3 SOLO	24
3.1 Constituição	24
3.2 Funcionalidade do solo	26
3.3 Degradação	28
4 CIÊNCIA	30
4.1 Conscientização e sustentabilidade.....	30
5 ARTE	32
5.1 Artistas contemporâneos e o solo	32
PARTE III – PROCESSOS PICTÓRICOS	
6 DIÁRIO DA ARTISTA: ANTES DO TEMA CHEGAR.....	37
6.1 Pintores, terra e poética	41
6.2 Produção pictórica	44
6.3 Pinturas	45
Processos, Técnicas e Materiais	46
CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE – Exposição Individual.....	87

INTRODUÇÃO: APRESENTANDO O TEMA

Na busca por um tema de pesquisa, por definir uma particularidade dentro de um universo de possibilidades, as erosões do solo se apresentam na formatação de pintura sobre tela, portanto são pinturas de paisagens de solo erodido. Os acontecimentos de destaque saíram da paisagem e são identificados como objetos definidos de inspiração, partindo de um olhar curioso para um vício investigativo visual por aparências e exterioridades, cenários pontuados aqui e ali. Os solos com erosões marcaram a memória como uma cena que se repete a todo o momento, como se não quisesse ser esquecida.

A investigação visual deste trabalho no seu período embrionário não se entendia como tema não abordava sobre as questões éticas em relação ao solo, os problemas ambientais envolvidos. Não obstante seu conteúdo fosse basicamente representado por evidências disso, barrancos com erosões, as terras nuas, nome dado aos estudos durante as disciplinas iniciais de pintura dentro da faculdade de Belas Artes só adquiriu força e posicionamento, político e conceitual, recentemente. Estas produções de 2018 se atentavam à cor local de determinados locais afetivos, espaços cujos solos eram parte da minha memória, mas também outros que eram observados de relance, como quem vê uma paisagem pela janela do carro. Estes locais, territórios que pertenciam a outro tempo, ora o passado ora o tempo da efemeridade, trabalham sobre temporalidade, transitoriedade da vida. Estes são aspectos recobrados neste processo atual e recebem o acréscimo das discussões desenvolvidas sobre a degradação do solo e o pensar sobre os conceitos de paisagem. É possível que as imagens e o interesse pela erosão e a beleza das cores das terras, atraídos intuitivamente, escondiam possivelmente a contradição da destruição e somente agora está sendo colocado em ordem.

O deslumbramento pela paisagem foi repensado e nessa reinterpretação do passado e incentivo da memória é incorporado como estudo o elemento do fugaz, aquilo que está ligado ao tempo e que muda com o tempo. A construção do solo por si só fala de uma sucessão de momentos e sua descontinuidade também. O conceito de paisagem, para fugir apenas de uma experiência visual dos ajuntamentos de horizonte, é assistida por novos significados. Repensar e elaborar um breve passeio teórico sobre os códigos para paisagem contemporânea e avistar nesta trilha, arte através do solo. Solo e arte, de forma mais prática entregam muitos polos de tensão a serem explorados, como atração e desgosto; dependência e exploração; reverência e desperdício e uso e degradação. O último é mais objetivo neste trabalho.

Esta investigação contemporânea sobre o solo, recurso natural escasso e não renovável, é, de fato de grande conhecimento geral sobre a gravidade desta questão ambiental.

Um objetivo do trabalho, e não deixa de ser é acusar o descaso ambiental sofrido pelo solo por ações antrópicas e investigá-lo como influência na cultura humana através da observação de seus significados. Os estudos vão percorrer a conceituação da paisagem e sua origem e a sua relação com a pintura, uma vez que os trabalhos serão realizados em sua maioria dentro deste gênero. O papel do artista dentro desta produção e o contexto da humanidade em relação à terra, em suas diversas interpretações. Um paralelo entre ciência arte e solo será traçado e inclui alguns exemplos da movimentação artística e interdisciplinar dos entendimentos entre áreas em prol da articulação do recurso do solo.

Alguns artistas se destacam como referências fundamentais nesta pesquisa e são adicionados como achados arqueológicos na busca da suposta proposta da qual eu desejo apresentar uma produção pictórica como resultado. Nomes como Alexandre Hogue, Van Gogh, Antônio Parreiras, Georgia O'Keeffe, Thiana Sehn, dentre outros, conferem a este TCC coordenadas para a produção de algum saber. A partir destas contribuições a pesquisa será realizada em pintura sobre tela feita em tinta acrílica e à óleo.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Para trabalhar os temas abordados na introdução contamos o espanhol Javier Maderuelo, doutor, professor e crítico de arte nas contribuições à frente na conceituação da origem do termo paisagem e suas conclusões sobre este gênero na atualidade. O contato com a obra de Anne Cauquelin, “A invenção da Paisagem” favorece neste prelúdio na construção das ponderações deste tópico. O livro de Jean-Marc Besse, “Ver a Terra” possui alguns ensaios sobre paisagem e geografia, também utilizados fortemente neste caminho pela ótica da paisagem que delimita o mundo e da relação da humanidade com seu espaço visível e invisível de ocupação. Por Besse autores como Alexander von Humboldt, Paul Vidal de La Blache, Dardel e Goethe pincelam mais detalhes sobre a construção complexa da paisagem.

Alguns artigos científicos foram utilizados do livro “Arte e Ciência: História e Resiliência da Paisagem”, obra dos professores Antônio José Teixeira Guerra, Raphael David dos Santos Filho e Carlos Gonçalves Terra (Org). São trabalhos que falam de arte e do Antropoceno, como de Alex Ubiratan; sobre a funcionalidade do Solo e arte, dos autores, Alexandra R. Toland, Gerd Wessolek e Jay Stratton Noller, ações de recuperação e manutenção de paisagens, por Nadja Costa. Outras fontes foram consultadas e colaboraram no presente estudo como periódicos, jornais especializados, editoriais e artigos científicos.

PARTE I – PAISAGEM

1 PAISAGEM

1.1 Origem de um conceito

A palavra paisagem faz parte do nosso cotidiano e embora não seja preciso ir ao dicionário para definir seu significado é preciso observá-la de vários ângulos. De acordo com Carlos Terra²:

Liz Maximiano nos lembra que a “noção de paisagem está presente na memória do ser humano antes mesmo da elaboração do conceito”. Milton Santos, por sua vez, recorda que a paisagem é tudo o que vemos, o que nossa visão alcança, e que é formada por volumes, cores, movimentos, odores, sons etc.

Portanto a paisagem habita a memória e por já estar no pensamento das pessoas parece fácil verbalizar sobre uma paisagem vista, ainda mais se for uma natureza, como lembrar de uma montanha ou uma praia. Ela provoca ocasionalmente uma espécie de recriação, uma composição por estes elementos naturais vindos à mente e comumente com a possibilidade hipotética de se tornar uma pintura admirável. Paisagem e pintura estão definitivamente conectadas, mas não é tão simples e não se limita apenas a elementos da natureza. Conceituar paisagem é saber que este é um caminho aberto e complexo.

A Convenção Europeia da Paisagem (CEP)³ designa “Paisagem” como uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos. Essa definição é recente na história e inclui alterações nas localidades terrestres tanto por ações naturais como humanas⁴. Para reestabelecer a conexão do homem com o meio, partindo da preocupação tanto da perda da qualidade ambiental

² TERRA, C. G. (Org); GUERRA, A. J. T.; SANTOS FILHO, R. D. *Arte e Ciência: História e Resiliência da Paisagem*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019. p. 200.

³ A Convenção Europeia da Paisagem (CEP) ou a Convenção de Florença foi o primeiro tratado internacional com foco na Paisagem, dedicando-se à proteção, gestão e ordenamento das paisagens europeias. “...compreende a relação entre os aspectos naturais e culturais da paisagem com foco no desenvolvimento sustentável e na relação equilibrada e harmoniosa entre as necessidades sociais, econômicas e ambientais de cada comunidade, e tem como objetivo promover a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem.” DE LUCA, 2015, p. 37. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/97437/109827>. Acesso em: 19 dez. 2021.

⁴ Definição de paisagem. p. 7. Disponível em: <<http://apap.pt/wp-content/uploads/2017/09/AP-06-MAIO-2011.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

quanto da estética, a exemplo do foco deste trabalho sobre erosões, vamos especular bastante os sentidos do uso da palavra paisagem.

Existe um uso comum e curioso do termo, transformado em expressão, “fazer cara de paisagem”, a famosa “*poker face*” faz parte da informalidade da língua e quer dizer quando uma pessoa fica extremamente pensativa ou com um olhar perdido. Do inglês remete a um semblante enigmático e sem sentimentos para conseguir blefar no jogo, mas como esta palavra se desdobrou neste *meme* comportamental? É possível que seja por assemelhar com um olhar distante, como quem olha para o horizonte. Como quem vê uma paisagem e está contemplando. Além de atrelar-se com a natureza e a arte, paisagem também está ligada a fruição mental, uma abstração. O observador se sente fora deste “objeto” contemplado e é compreendido, no senso comum, pela percepção visual à distância. Existem outros fatores associados no vasto uso desta palavra, suas diversas conotações guardam além de significados, tensões e contradições sociais.

O autor Carlos Terra, pesquisador sobre paisagem e artes do Rio de Janeiro, afirma que a paisagem se torna mais complexa a cada dia devido aos sentidos que atribuímos a ela⁵. Isto justifica as diversas áreas que a pesquisam como a ecologia, a literatura, a geografia, arqueologia, geologia, história da arte, e cada um tem seu conceito próprio de acordo com a relação profissional que cada um deles tem com a paisagem. Veja sob o ângulo exclusivo da proteção patrimonial, por exemplo, carrega sua definição sobretudo consideram seus componentes naturais e culturais conjuntamente, dando singularidade ao território. Isto foi visto na nomenclatura criada para catalogar algumas regiões da Catalunha (Espanha), as chamadas “unidades de paisagem” (UPs), conforme a descrição abaixo:

As UPs baseiam-se, principalmente, nos elementos que estruturam o território (montanhas, rios, rede viária) e sua organização (áreas agrícolas, florestas ou áreas urbanas) e na dinâmica que contribuiu – e contribui – para moldar a imagem atual da tradição cultural particular e da história, [...] depende, portanto, da combinação de formas de relevo, cobertura do solo, organização do espaço, dimensão histórica, percepção, alterações imediatas ou relações entre população e paisagem (proximidade, laços emocionais, sentimento de pertencimento).⁶

Sua delimitação une natureza ambiental, cultura e estética. Este é um conceito de hoje sobre paisagem, mas nem sempre foi assim. Há uma polaridade entre o espaço, o território visto e a sua visualidade. A ambiguidade está entre o espaço geográfico e a percepção. No uso

⁵ TERRA, 2019, p. 200.

⁶ DE LUCA, 2015, p. 43.

coloquial a paisagem é entendida mais como a sua própria imagem, a sua figura que é construída através da percepção de quem a observa.

Javier Maderuelo apresenta a origem do conceito de paisagem em seu livro *El paisaje: génesis de un concepto*, um clássico nos estudos sobre a paisagem. Ele afirma que a expansão conceitual pela amplitude de seus significados desvirtuou seu sentido e conteúdo original. O termo paisagem possui sentidos conflitivos por ser hora estrito e as vezes impreciso e na maior parte do tempo envolvido em forte polissemia. Muitas contribuições científicas sobre a paisagem a utilizam para qualificar ambientes ou espaços vividos por diferentes grupos sociais e apontam diversas raízes do termo em diferentes troncos linguísticos e vinculam significados a condições materiais de existência.

Ao contrário do que é sabido no Ocidente, a primeiras aparições da palavra paisagem são do século XV, através da arte, especialmente na pintura e depois segue para a poesia. O contrário aconteceu na China e Japão. Nosso teórico adverte que paisagem aparece a primeira vez, bem antes, na China primeiramente na literatura no século IV e depois no século VIII com a pintura. Este estudo não fará um recorte histórico tão abrangente, sintetiza nos acontecimentos do Ocidente pós fim da idade média.

De acordo com a pesquisadora Laura Lage, a nossa linguagem traz a referência do espaço, exemplificando essa relação do corpo com o mundo, que passa também pela linguagem. Segundo Berque, geógrafo francês, uma vez não existindo na língua, também não existia o conceito.⁷ Segue a importância de cercar estes caminhos conceituais.

A partir do século XVI a palavra utilizada na Corografia⁸ em representações geográficas era a mesma usada para pintura de paisagem. O pintor e o cartógrafo partilham percepção e representação da superfície da Terra. Desta noção que faz a paisagem extravasar os limites da região particular e a coloca num espaço terrestre, com a promoção da geografia, o mapa é transformado numa “paisagem do mundo”⁹. Esse inventário visual que a feitura destes mapas trouxe à paisagem se faz “imagem do mundo”, a Terra como um espetáculo a ser observado. O ser humano como ator e espectador, ao mesmo tempo dentro da cena e em

⁷ LAGE, L. B. *Paisagem como ligação entre a conservação do patrimônio e o planejamento territorial: ‘conservationthroughdevelopment’*. 2018. 473 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MMMD-B7JKQU/1/tese_laura.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022. p. 19.

⁸ Corografia foi a especialidade da Geografia que se dedicava ao estudo geográfico de um país ou de uma de suas regiões.

⁹ Cartografia e Pintura nesta época ultrapassavam os limites do particular. BESSE, J. M. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução Vladimir Bartalini. 1. ed. São Paulo. Perspectiva, 2014. p. 23.

seu exterior. Um bom exemplo desta maneira de ver estão nos trabalhos de pintura de Peter Brueghel¹⁰. A paisagem bruegheliana da Terra vista do alto é entendida, nas palavras de Besse como uma superfície terrestre vista como uma imagem da qual a humanidade deve contemplar.

Nas Grandes Paisagens de Brueghel, a Terra e os humanos são como panoramas os quais o espectador está situado entre cidades, nas aldeias, entre os cavalos e soldados. Estes planos mostram a Terra como um objeto a ser contemplado. Traça uma relação entre o mundo e o olhar,¹⁰ como uma terra vista do alto, traduzindo na atualidade, como visto através de um drone. Vendo de cima trabalhadores nos campos instaura-se a possibilidade de apreciar e contemplar a cena desta paisagem o que não aconteceria se você ali estivesse trabalhando, não seria capaz de compreender esta paisagem. Portanto discute-se que é preciso desprender-se da Terra para percebê-la como um todo. E não é preciso pertencer a ela.¹¹

E é partindo desse distanciamento que a representação moderna da paisagem, de acordo com Joachim Ritter¹², citado por Besse está ligada a uma consciência estética da natureza, um ir à natureza para contemplá-la e não realizar nada prático ou utilitário. Antes de adquirir o significado estético, e requerer uma representação, paisagem era uma evidência da experiência da Terra como um espaço aberto a ser percorrido e descoberto, vide a época das navegações e grandes descobertas. Duas palavras chegam perto da ideia de paisagem, mas só ficam na área da visualidade contemplada. São elas: panorama (pan = tudo; orama = vista, espetáculo, coisa maravilhosa) e prospecto (olhar adiante, ver longe, lugar elevado, aspecto exterior, previdência).

1.2 Etimologia da palavra paisagem

“Etimologicamente a palavra *paisagem* deriva de raízes linguísticas diferenciadas, aqui temos dois grupos; no primeiro *landschaft* (paisagem) em alemão, o *landskip* (arcaica variação de paisagem) em holandês e o *landscape* em inglês; no segundo a derivação do latim, as palavras *paesaggio* (vila, modelo derivado do francês *paysage*) em italiano, *paysage* (derivado do termo *pays*) em francês que significa terra, região ligada a ideia de pátria,

¹⁰ BESSE, 2014, p. 31.

¹¹ *Ibidem*, p. 35.

¹² J. Ritter, *Landschaft. Zur Funktion des Asthetischen in der modern Gesellschaft, Subjektivität*, Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1980 (segundaedição), p. 141 – 190. Gérard Raullet publicou uma tradução francesa, incompleta, da primeira edição deste texto, em *Argile*, 16, 1978, p. 27-58. *In*: BESSE, 2014, p. 35.

paisagem em português e *paisaje* em espanhol. O primeiro grupo vem do radical *land* significa tanto o lugar quanto as pessoas que vivem no lugar, tendo um senso de pertencimento¹³. A exemplo do país da Inglaterra, *England*, terra dos ingleses, dentre outros os quais não se refere apenas ao solo, mas ao povo que ali habita. Assim está associado a ideia de uma formatação da terra a partir da relação homem-meio.

As construções gramaticais, via pesquisas do pesquisador Javier surgiram pelas distintas formas de ver e representar o mundo.¹⁴ A palavra *landschaft* (*land*, *schaffen* significam criar ou produzir a terra), seguindo o autor, era documentada como uma área geográfica definida por limites políticos, como *sitium*, uma posição, assim definida por uma vizinhança.¹⁵ O termo inglês, *land*, terra e *scape*, que é derivação de *shape*, significa forma, construíram uma nova palavra com a ideia de “forma ou aspecto de território”. Os italianos geraram o termo *paese*, por derivação, *paesetto* e *paesaggio*, o mesmo sentido que as palavras francesas *pays* e *paysage* (país e região) têm: país, região, território, pátria, etc.¹⁶. Nas línguas latinas, *país* tem origem no latim *pagus* (pago), significando marco ou medida na terra, território rural delimitado por marcos, distrito, aldeia, povoação. O termo *Pago* estava ligado à terra, mas com significado de herança ou terra com valor, terra com aspecto utilitário. *Pagus* tem ligação com meio rural e com o tempo *pago* se formou país que expressa bem mais a ideia de região e território mais aceito com o que atualmente é usado no sentido de nação ou estado nacional. A palavra paisagem como temos hoje é moderna. Giorgio Vassari¹⁷ em 1550 usa os termos *Paese* e *verzure* (verdes, vegetações, serras) ao mencionar fragmentos paisagísticos e sem dúvida, para o pesquisador, a língua italiana desenvolveu um vocabulário mais rico para se referir a pintura.

De toda forma, o desgaste semântico observado por Maderuelo¹⁸, mesmo sendo uma palavra moderna impossibilita seu uso com mesmo sentido nos textos retirados antes do séc. XVII, por exemplo. Termos gregos, latinos e palavras italianas são traduzidos voluntariamente na atualidade trazendo confusão ao significado da palavra “paisagem”, uma vez que títulos de paisagem dados pelos autores das obras só surgiram após séc. XVIII e sobretudo XIX. E muito do que foi titulado como paisagem foram classificados assim por

¹³ OLWIG, Kenneth R. The Practice of Landscape ‘Conventions’ and the Just Landscape: The Case of the European Landscape Convention. In: *Landscape Research*, 32:5, pp.579-594, 2007. In: LAGE, 2018, p. 22.

¹⁴ MADERUELO, J. R. *El paisaje. Génesis de un concepto*. 2ª edición. Madri: Abada Editores, 2006. p. 18.

¹⁵ BESSE, 2014, p. 26.

¹⁶ MADERUELO, op. cit., p. 25.

¹⁷ Ibidem, p. 27. Giorgio Vasari, *Le vite dei piu eccellenti pittori, scultori e architetti* (1550), Newton Compton, Milán, 1991, 1993, pp. 1286 e 1287, respectivamente.

¹⁸ MADERUELO, op. cit., p. 16.

semelhança de temática pelos museus de pintura e historiadores de arte. Os títulos incorretos foram se consolidando. A própria arqueologia, que se utiliza do termo “paisagem” a pouco mais de 30 anos, enfatiza o uso desgastado e simplificado que a geografia fez da paisagem, colocando um peso no “aspecto natural” em detrimento do humano. O autor percorre a história da origem deste termo para falar de cultura.

Ele afirma que estamos imersos em uma “cultura paisagista”. São lugares chamamos de ambientes e cenários diferentes nomeados de paisagem e distintos pelos seus significados específicos como paisagem natural, paisagem urbana ou rural. Mas também há lugares com cultura não paisagista, como por exemplo, o império romano e seus famosos jardins sem nenhuma pintura dita de paisagem nem mesmo há menção deste nome na sua história. Ou tão pouco existia na Grécia Antiga ou Idade Média. O pesquisador se apoia muito nos estudos do geógrafo Augustin Berque e cita o que ele considera as quatro condições para incluir uma civilização na cultura paisagista; uso reconhecido da palavra “paisagem”, literatura oral ou escrita sobre isso, representações pictóricas de paisagens e jardim cultivados para o prazer.¹⁹ Os gregos, os chineses e os japoneses têm aproximações destas condições.

1.3 Paisagem uma construção cultural

A ideia de paisagem cultural surge com Carl Sauer²⁰ na década de 20, “sendo a transformação de uma paisagem natural por um grupo cultural”. Essa transformação, para Carlos, foi repensada por que as paisagens são sempre culturais como uma integração entre o homem e a natureza. Para Augustin Berque paisagem é uma elaboração cultural e ela “não existe sempre e em todo lugar”. Carlos afirma que Maderuelo bebe desta fonte e que muitas civilizações não sabiam deste conceito.

Os homens impõem à paisagem a marca de sua cultura: a maneira de dividir as terras, de construir as casas, os templos ou de se dotar de monumentos; ao mesmo tempo, a paisagem se constitui num dos contextos através dos quais a cultura se transmite de um indivíduo a outro, de uma geração a outra. Augustin Berque sintetiza esta corrente de reflexão, destacando que a paisagem traz a marca da cultura, mas que constitui igualmente uma matriz.²¹

¹⁹ BERQUE, Augustin (Org). *Cinq propositions pour unethéorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994. In: TERRA, 2019, p. 200.

²⁰ TERRA, 2019, p. 200.

²¹ CLAVAL, P. *A evolução recente da geografia cultural de língua francesa*. Geosul, Florianópolis, v.18, n. 35, p 10, jan./jun. 2003.

Javier trabalha a negação da “coisificação” da paisagem: ela não é uma coisa ou conjunto de objetos configurados pela natureza e transformados pela ação do homem. Também nega ser um meio físico que nos rodeia nem sequer a natureza. Ele conceitua a paisagem assim: A paisagem é um “constructo”, uma elaboração mental que nós humanos realizamos através dos fenômenos da cultura. É uma convenção que varia de uma cultura para outra e nos obriga a fazer um esforço de imaginar como é percebido o mundo em outras culturas e outras épocas e outros meios sociais diferentes do nosso.

A paisagem não é [...] o que está aí, diante de nós, é um conceito inventado ou, melhor, uma construção cultural. A paisagem não é um mero lugar físico, e sim o conjunto de uma série de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir do lugar e seus elementos constituintes. A palavra paisagem [...] reclama também algo mais: reclama uma interpretação, a busca de um caráter e a presença de uma sensibilidade. [...] A ideia de paisagem não se encontra tanto no objeto que se contempla como na mirada de quem contempla. Não é o que está a sua frente e sim o que se vê.²²

Maderuelo afirma assim que o lugar é como um ponto de partida para nossas sensações. Possivelmente a paisagem só existe em nossas mentes embora o lugar exista enquanto uma materialidade. As coisas que temos em nossas mentes, como dito anteriormente, partindo da memória, só ali existem pela capacidade humana de criá-las, de imaginá-las, sem poder afirmar se o que está no mundo material realmente existe. De acordo com Douglas Santos, professor da PUC-SP²³, “Se o lugar é que nos permite reconhecer a paisagem, não seria a paisagem que nos permitiria reconhecer o lugar e, portanto, não seria ele também uma invenção?” Seguimos rodeando a ideia de paisagem, depois de passarmos por sua origem e conceituação, no próximo tópico complementar com as questões de invenção e construção, ligado à pintura.

²² MENDES, H. G. *Acerca da paisagem*. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 6, n. 11, ano 6, p. 40, julho de 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/download/62798/38070>>. Acesso em: 25 dez. 2021.

²³ SANTOS, D. *De volta às discussões sobre o significado de paisagem e outras avenças*. Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 12, n. 2, p. 39-52, ago./2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/download/55830/26569/233647>>. Acesso em: 25 dez. 2021.

2 INVENÇÃO DE ARTISTA

2.1 A cor na paisagem

A filósofa francesa Anne Cauquelin vê o nascimento da paisagem envolto de um grande mistério. Antes a paisagem na pintura tinha somente um caráter decorativo, eram os fundos do quadro, florestas, uma natureza sobre o efeito da atmosfera. Um elemento técnico e acessório. Com a invenção da perspectiva há um ordenamento que legitima o aparecimento da paisagem no quadro, através da ilusão. Uma representação figurada da natureza dá acesso a realidade para além do quadro e traz autonomia. O mundo, portanto, antes da perspectiva não é mais o mesmo que vivemos no Ocidente desde o século XV. Em seu livro “A invenção da paisagem” a autora afirma: “Mais até: ela seria a única imagem-realidade possível, aderiria perfeitamente ao conceito de natureza, sem distanciamento. A paisagem não é uma metáfora para a natureza, uma maneira de evocá-la; ela é de fato a natureza.”²⁴

Levando em conta este não distanciamento entre natureza e paisagem, a autora diz que provável gênese existiu desde sempre, antes e após a humanidade. A pintura teria o papel de restituir a paisagem à natureza como única forma de fazê-la visível. A pintura como aproximação da natureza através da figuração. Da mesma maneira que a natureza evoluiu e sofreu mudanças, como o clima e o solo se transformam, a ver pelas erosões crescentes que destacamos, pode-se esperar uma ampla discussão sobre o papel da paisagem na pintura hoje.

Portanto a paisagem é muitas vezes o mesmo nome dado ao território de fato e a imagem criada a partir dele. Isso indica, para os estudiosos e aqui também concordo com este pensamento, supõe que não houve um início de contemplação em volta da paisagem até que os artistas o tivessem representado. Nesta citação temos a impressão de uma justificativa utilitária da pintura: “[...] *não existe contemplação do entorno como paisagem até que os artistas comecem a representá-lo, o que conduz a confirmação de uma utilidade estendida à pintura, a de servir como escola do olhar*”.²⁵

Assim temos evidência de que a paisagem nasce com os artistas, por meio das experiências artísticas através da percepção daquilo que os cerca, seja natureza ou realidade. O que a visão alcança e a forma como são vistos os espaços fala muito sobre cultura. A

²⁴ CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 38.

²⁵ MADERUELO, 2006, p. 30

cultura de um ambiente é conhecida pelos seus artistas. Para Daniels & Cosgrove²⁶, uma paisagem é uma imagem cultural, uma maneira pictural de representação, estruturando ou simbolizando arredores. Ela pode ser representada em uma variedade de materiais e em muitas superfícies, pintada em telas, escrita em papel ou elaborada com terra, pedra, água e vegetação sobre o solo. A paisagem como uma maneira pictórica de ordenar ou simbolizar o que nos rodeia, também, uma forma do sujeito conhecer o mundo que o rodeia através de uma ordenação sensorial. Logo percebemos que a paisagem não é somente um lugar estabelecido.

Para conhecer o mundo e apreender realidades recorremos a definições tanto das coisas como dos fenômenos. Considerando que um saber conhecido leva em conta o fato deste saber ter sido nomeados ou descritos, ajuda a pesquisa a reivindicar a razão da arte e a paisagem estarem atreladas. Em muitos dicionários seu primeiro significado estava mais sujeito a consideração estética ou alguma relação com uma imagem ou pintura. Tempos depois desce para segunda ou terceira posição sendo substituído por “vista” ou “panorama” e mais recentemente por significados ligados à natureza ou ecológicos²⁷. Por exemplo, o terceiro significado para paisagem no dicionário Collins é “*Uma paisagem é uma pintura que mostra uma cena no campo.*”²⁸

A paisagem era de fato também sinônimo de arte e com o tempo foi ganhando outros significados. Javier diz que a paisagem é um lugar ressignificado de “um olho que contemple o conjunto e que gere um sentimento que o intérprete emocionalmente”.²⁹ “[...] não é apenas um lugar físico, mas o conjunto de uma série de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir do lugar e seus elementos constituintes”.³⁰ A paisagem, portanto, são uma série de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir de um lugar. Um pintor age como intermediário com uso da sensibilidade.

A visão do artista diante da Terra está definitivamente ligada aos sentimentos e de análise dos elementos da interação humanidade-meio. As características do terreno fazem da paisagem para o artista, um artefato, nas palavras de Besse, um grande livro a se interpretar. Paul Vidal de La Blanche trabalha com o conceito “fisionomia da paisagem” e cabe comentar sobre ele porque a paisagem é vista como um produto das interações entre um conjunto de

²⁶ TERRA, 2017, p. 276.

²⁷ NARANJO, 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-407.htm#_edn24>. Acesso em: 19 dez. 2021.

²⁸ Original: *A landscape is a painting which shows a scene in the countryside.*

²⁹ CORONA, M. As paisagens de Thiana Sehn: experiência, distâncias e deslocamentos. *Estúdio*, Lisboa, vol. 10, n. 26, abr. – jun. 2019. Disponível em: <[https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582019000200002](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582019000200002?script=sci_arttext&pid=S1647-61582019000200002)>. Acesso em: 19 dez. 2021.

³⁰ MADERUELO, 2013, p. 38.

condições e de constrictões naturais (como geologia ou botânica, por exemplo) e, obviamente, as relações humanas, econômicas e sociais e culturais. Dessa maneira há uma evolução da paisagem e o surgimento de mutações e modificações na cobertura vegetal. Assim um território teria suas características próprias, a sua “fisionomia”. As inscrições produzidas pelas atividades humanas como uma impressão na Terra, não passam despercebidas pelo olhar criativo. A “vida” que passa pelo solo, deixa marcas. A paisagem como testemunho humano.”³¹

La Blanche usa a expressão massa plástica para se referir a terra, porque passa ideia de que acolhe diversos agentes transformadores. São muitos os entendimentos sobre o solo e a geografia em seu nome faz refletir mais sobre um escrito sobre a terra, as inscrições sobre a terra. Uma vez que seu nome se entende por grafia objetiva da terra. Para entender esta leitura, decodificar estes signos, que são “desenhos das costas, os contornos das montanhas, as sinuosidades dos rios e as diferentes formas de estabelecimento humano sobre a terra”³².

Para entendê-la, no olhar do artista é possível fechar com o caráter da subjetividade que permeia a relação artística quando se propõe a trabalhar e interpretar algo. Nas palavras de Maderuelo: a “primeira paisagem” foi a paisagem dos artistas que associa este término à contemplação visual e, portanto, seu caráter subjetivo³³: [...] não existe paisagem sem interpretação e essa é sempre subjetiva”³⁴.

A paisagem começa na arte com as primeiras angústias da consciência metafísica trazendo uma inquietação, dizes de um artista da Idade Média chamado Yves Bonnefly.³⁵ Besse evoca essa sensação de independência e até mesmo violência, na voz de Georg Simmel, da paisagem ser um fragmento arrancado do Todo. Essa nova relação da humanidade com o Todo é substituída pela contemplação à distância do mundo. A paisagem restringe o mundo visível ao campo visual como um recorte num contexto do infinito, portanto daí a angústia da inquietação desta relação. Dardel afirma que a paisagem é apresentada uma totalidade e é acessada pelos sentidos e sentimentos. Ele tem uma fala que inclui um aspecto fundamental para este estudo ao incluir a questão da cor na percepção da paisagem.

³¹ BESSE, 2014, p. 67.

³² *Ibidem*, p. 70.

³³ OREJAS, A. *Arqueología Del Paisaje: Historia, Problemas y Perspectivas*. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/001804796610cf2c97dbc>>. In: AEspA. 64, 1991, p. 195. Acesso em: 19 dez. 2021.

³⁴ MADERUELO, 2013, p. 35.

³⁵ BESSE, 2014, p. VIII.

De tal forma que, na realidade entender uma paisagem é “estar na paisagem”, é “ser” atravessado por ela em “uma relação que afeta a carne e o sangue”, é ser invadido por sua cor fundamental até convertê-la no impulso e no ritmo de sua existência (DARDEL, 2013, P. 29).³⁶

Dardel liga a experiência de estar na paisagem com a imanência da cor dentro do ser humano. A cor dá ao mundo sua verdade sensível. Nela encontramos, nas palavras de Jean Marc Besse, a “carne do mundo”, o que a geometria não alcança. A essência da terra está em cores. A paisagem, portanto, seria a revelação da cor, destino e vocação de luz³⁷. Vê-se as cores, para Goethe antes de ver as formas. Há um diálogo entre a luz e a matéria onde cada cor aspira, apelando pela sua complementar, à totalidade. As cores, essa cascata de eventos da luz são um misto complexo que o pintor absorve e realiza sua arte através da sensibilidade. Quando observamos as erosões em loco ou através de fotografias, a cor é muito determinante. Nos trabalhos que são apresentados há uma relação forte com a cor até mesmo em detrimento da forma.

Besse puxa para o emprego das cores uma frase de Hegel³⁸: “É somente a pintura que, graças ao emprego das cores, torna os objetos como que dotados de alma e de vida”. Hegel recusa a redução da representação pictórica às regras da perspectiva linear, abrindo um debate sobre a subjetividade e a valorização do fazer do pintor. A natureza se torna visível na paisagem como imagem. A paisagem é um quadro, uma representação, uma imagem.

³⁶ TERRA, 2019. p. 201.

³⁷ BESSE, 2014, p. 55.

³⁸ Ibidem, p. 54.

PARTE II – SOLO, CIÊNCIA E ARTE

3 SOLO

3.1 Constituição

O solo é constituído por um sistema trifásico: uma parte sólida, outra líquida e outra gasosa. A Companhia Ambiental do Estado de São Paulo, Cetesb³⁹ conceitua e explica sua composição. Na parte sólida há material mineral e material orgânico, o primeiro é material parental (rocha) local ou transportado e o segundo derivado da decomposição animal e vegetal. A fase gasosa tem uma composição variável, de acordo com os gases que são produzidos e consumidos pelas raízes das plantas e dos animais. Este “ar” no solo funciona como poros, caminhos onde outros animais circulam, dentre outras funções. A última parte, a líquida é constituída por água, mas também elementos orgânicos e inorgânicos em solução.

O solo se forma através de mudanças nas rochas. O nome disso pode ser, de forma simplificada, intemperismo, ações diversas como a atuação dos ventos, as chuvas e organismos vivos que sofrem processos químicos, físicos e biológicos. O portal da Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária diz que o solo é resultado de um paciente trabalho da natureza. Certamente é paciente e de longa trajetória. De acordo com ela, este processo é tão lento que se calcula cerca de 400 anos para se formar um centímetro de solo⁴⁰. Estas partículas vão se acumulando em camadas (horizontes) devido à laboração do citado intemperismo e dos organismos⁴¹ também, como fungos, bactérias, minhocas e formigas que vão elaborando o desgaste da rocha. O relevo da terra segue essa movimentação vagarosa no tempo. Nos interessa muitas estas relações de tempo e principalmente o que o solo tem nos mostrado com o tempo. O solo carrega memória.

³⁹ Companhia Ambiental do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/solo/propriedades>. Acesso em: 01 dez 2021.

⁴⁰ Portal Embrapa. [s.d.]. *Solos*. Disponível em: <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/solos/-/asset_publisher/1ZCT5VQ5Hj1S/content/o-que-e-e-como-se-forma-o-solo-/1355746?inheritRedirect=false>. Acesso em: 01 dez. 2021.

⁴¹ Os organismos na formação do solo possuem relação íntima com o fator clima, considerando a adaptabilidade da fauna e da flora as condições de umidade e temperatura de um determinado ambiente. São considerados condicionantes para a pedogênese - a ação dos organismos no substrato representa a diferença entre os processos de pedogênese e intemperismo. A matéria orgânica adicionada ao solo pelos vegetais, seja pelos resíduos de folhas ou de raízes e, sua decomposição pela ação da fauna como formigas, minhocas e microrganismos, participa de diversos processos no solo e influência na agregação de partículas, no escurecimento do horizonte superficial, na infiltração da água, minimizando a erosão e, na retenção de nutrientes fundamentais ao desenvolvimento das plantas (Pavinato e Resolem, 2008). Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1112549>. Acesso em: 02 dez. 2021.

Cada região territorial tem características próprias devido a particularidade do seu perfil de solo (estudado pela Pedogenia)⁴² que é definido pelos processos que sofreu durante o tempo. Estes perfis são analisados por parcelas horizontais que mostram sua constituição desde sua origem até a superfície. Podem ser até cinco destes horizontes até chegar mais embaixo na rocha não alterada que deu origem àquele solo, a chamada rocha mãe. A FAO (*Food and Agriculture Organization*) conceitua solo como produto da influência combinada do clima, topografia, organismos (flora, fauna e humanos) sobre os materiais de origem (rochas e minerais originais) ao longo do tempo⁴³. Assim ele se diferencia do seu material de origem em consistência, estrutura, textura, questões químicas e biológicas, físicas e na sua cor.

Abrindo um breve parêntesis explicativo sobre a cor, suas características são variáveis por muitos destes fatores acima. Podem perceber vermelhos, amarelos, laranjas, marrons, pretos, cinzas, brancos e azulados e esverdeados⁴⁴. Existe uma identificação das cores num sistema de símbolo alfanumérico, nos quais os dígitos indicam o matiz, valor e croma, os três elementos de uma cor.⁴⁵ Detalhes na cor indicam as qualidades do solo, como por exemplo: matizes de baixa frequência, os vermelhos e amarelos e de valores altos indicam condições de oxidação, o que quer dizer que são solos bem drenados. É visível em processos erosivos, em barrancos, o perfil do solo, formado de camadas paralelas à superfície do terreno, os já citados, horizontes. Esses variam quanto a espessura, estrutura e textura e em especial a cor. Pelo menos duas cores de solo são observadas em qualquer perfil exposto visto tanto na cidade no campo.

A publicação disponível no ALICE, Acesso Livre à Informação Científica da Embrapa, do livro “Formação e caracterização do solo”⁴⁶ ao falar sobre a gênese do

⁴² A Pedologia, do grego *pedon* (solo, terra) é a ciência da gênese, morfologia e classificação dos solos. PEREIRA, M. G. et al. *Formação e caracterização de solos*. In: TULLIO, L. (Org.). Formação, classificação e cartografia dos solos. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. cap. 1, p. 1-20. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1112549>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

⁴³ “Soil is the end product of the combined influence of climate, topography, organisms (flora, fauna and human) on parent materials (original rocks and minerals) over time.” PORTAL – FAO SOILS. *Key definitions*. Disponível em: <<https://www.fao.org/soils-portal/about/all-definitions/en/>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

⁴⁴ Portal Embrapa, [s.d.]. *Como são formados os solos?* Disponível em: <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/solos/-/asset_publisher/1ZCT5VQ5Hj1S/content/pintando-com-tinta-de-solo/1355746?inheritRedirect=false&redirect=https%3A%2F%2Fwww.embrapa.br%2Fcontando-ciencia%2Fsolos%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_1ZCT5VQ5Hj1S%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-3%26p_p_col_pos%3D1%26p_p_col_count%3D3>. Acesso em: 06 dez 2021.

⁴⁵ PEREIRA, op. cit, p. 12.

⁴⁶ PEREIRA, op. cit.

solo, reafirma o conceito anterior de que o solo está além de “[...] simples amontado de material geológico” que passa por processos múltiplos de transformação no qual há adição e perda de solo.⁴⁷ A remoção dessas partículas, seja por ação da erosão ou de cátions pela lixiviação (processo erosivo também chamado de laminar, no qual há lavagem superficial do solo)⁴⁸ são determinantes da morfologia da paisagem. E é aí que os seres humanos são considerados de grande influência na formação do solo, como um fator extra. O homem como componente da biosfera, interage com as outras esferas, e ganha aqui neste estudo o nome de “antroposfera”.⁴⁹

3.2 Funcionalidade do solo

No solo se planta, colhe, constrói, se retira partículas e substâncias para realização de pesquisas científicas, ele exerce muitas funções essenciais à vida. É um grande provedor. Produtor de alimento, roupa, abrigo e até energia, capaz de estocar e filtrar a água, reciclar nutrientes, reduzir inundações, sequestrar o carbono além de hospedar um quarto da biodiversidade do planeta. Cerca de três quartos da superfície da Terra é coberta por água e apenas cerca de metade do quarto restante da superfície da terra é disponível para o uso humano⁵⁰. Três quartos desta parte disponível ou é muito úmida, ou muito pedregosa ou seca demais, muito quente ou fria demais para a produção de alimentos. O solo é essencial e todo alimento humano vem de três por cento da terra disponível para o homem. E mesmo assim, a FAO alerta que apenas um terço desta terra está apta para produção. Isto porque fatores como a erosão ou poluição química, acidificação da terra, salinização e solo sem nutrientes, impedem o uso dela.

Fazendo referência a citada obra de Brueghel, temos uma película fragmentada da dispersão humana sobre a superfície terrestre, figuração de pessoas em circulação, caminhando, em viagens⁵¹. A superfície da Terra é também a morada da humanidade. Um horizonte de possibilidades com nuvens, montanhas, rios etc. O solo é a casa da humanidade, seu habitat, seu lugar biológico e onde seu material genético está. Mas além de ser moradia do homem, o solo do ponto de vista biológico tem a função de casa para muitos outros seres.

⁴⁷ PEREIRA, 2019, p. 5.

⁴⁸ Ibidem, p. 6.

⁴⁹ Ibidem, p. 18.

⁵⁰ TERRA, 2019, p. 239.

⁵¹ BESSE, 2014, p. 38.

“Uma única colher de chá de solo saudável pode conter mais de um bilhão de organismos individuais, representando dezenas de milhares de espécies individuais de bactérias e fungos. Mais de um quarto das espécies conhecidas do planeta vivem no solo. A próspera camada abaixo da superfície da Terra é, na verdade, responsável por quase toda a vida acima do solo. Idealmente, o espaço poroso do solo pode representar 50% de seu volume total, criando uma teia porosa de túneis e cavernas interconectadas que macro e microorganismos do solo chamam de “lar”.⁵²

Ele também é plataforma para o homem e suas criações e este assim como os outros seres vivos são coparticipantes dele, incluindo aqui os animais como formadores da paisagem. As características do solo, formato, cor, textura, densidade são muitas devido a particularidade de cada um deles⁵³.

Entre as águas subterrâneas e a parte de cima do solo em contato com o ar está a conhecida *vadose zone*, área de aeração. Esta é a parte superficial do solo cheia de partículas de solo e poros com ar.⁵⁴ Isto é assunto de hidrologia e geologia, mas importante saber que é a parte responsável por filtrar, interagir com o ambiente e fazer transformações. Os temas ligados a esta área do solo são as recargas de água subterrânea, o manejo de zonas úmidas e o fluxo de nutrientes e entradas tóxicas. Os problemas com nomes corriqueiros são, por exemplo, as erosões nas margens dos rios⁵⁵ (assunto de interesse na presente pesquisa pictórica), mudança climática relacionada a inundação, escoamento urbano e industrial, vistos e chamados como desafios de design a serem tratados igualmente com estética e engenharia.

⁵² Original: *A single teaspoon of healthy soil can hold over a billion individual organisms, representing tens of thousands of individual species of bacteria and fungi. More than a quarter of the planet's known species live in the soil. The thriving layer below the surface of the Earth is actually responsible for almost all life above ground. Ideally, the pore space of the soil can make up 50% of its total volume, creating a porous web of interconnected tunnels and caverns that soil macro and microorganisms call "home".* TERRA, 2019, p. 243.

⁵³ Uma síntese sobre os principais solos: No arenoso, para começar, a areia se une a cristais de quartzo e sua estrutura possui ótima infiltração de água e ar, mas é um solo que dificulta a sobrevivência de plantas e microrganismos. Tem teor de areia superior a 70%, o deserto é um exemplo de solo arenoso. O solo argiloso possui pequenas quantidades de argila e abrigam grande quantidade de água. É formado de alumínio e ferro. Não é de fácil habitação de plantas. A textura é semelhante ao arenoso. O solo siltoso possui uma grande parte de silte, conhecido como “poeira de pedra” e são facilmente erodíveis. Suas partículas são muito leves e pequenas e não se misturam com argila. O orgânico é aquele solo que possui material orgânico em decomposição e quando há húmus contribui para a produção de nitrogênio. É um solo de fácil plantio, portanto o mais fértil. O latossolo se denomina assim por possuir cátions e argila, está em lugares sem ondulações, alterações. Pode possuir vermelha, laranja e amarela, por conter ferro e alumínio. O solo lixiviado não possui muitos sais minerais e nutrientes em sua composição. Acontece em regiões de muitas chuvas que levam os nutrientes, o potássio e o hidrogênio. O solo cárstico é rico em calcário e dele são retirados um pó amarelo para agricultura e matéria prima para fabricação da cal e do cimento. Cada tipo de solo com suas características e para evitar a erosão é necessário um manejo específico, e após sofrer o desgaste também necessita de uma recuperação adequada. (Portal Embrapa e Portal São Francisco)

⁵⁴ TERRA, op. cit., p 242.

⁵⁵ As plantas são usadas como materiais bio esculturais para retirar as toxinas do solo, protegê-lo do impacto erosivo da chuva e do vento e evitar que as encostas caiam nos cursos d'água (tradução nossa). TERRA, op. cit.

A paisagem é vista como uma tela maleável que pode ser restaurada pelo homem mesmo que esteja degradada. O solo é visto como uma interface de processos ambientais e respostas culturais⁵⁶. (tradução nossa)

O solo funciona como um estabilizador social, a rocha que literalmente toda civilização permanece. Este conceito sobrepõe que a função da herança cultural descrito acima. O artigo lança a pergunta: Pirâmides ou represas não são herança cultural? A função de plataforma das estruturas humanas é mais completa no contexto da conservação do solo. Argumenta que prédios, praças, construções não existiriam se o solo não oferecesse espaço e estabilidade e elas são erguidas em detrimento do habitat, filtragem e funções produtivas de alimentos do solo.

Solo é parte do nosso presente, passado e futuro, “*Soil arte ourpast, presentand future*”. Retirada da campanha que busca mais envolvimento das pessoas com o solo, a *The British Society of Soil Science*, companhia inglesa lançou ano passado, com este lema, um movimento com a seguinte hashtag *#grounded*⁵⁷. Fecha assim a demonstração do que tem sido pesquisado e produzido com este envolvimento com o tema do solo.

Perda de solo no desenvolvimento industrial e urbano, mapeamento, taxonomias especulativas e práticas de uso de terras indígenas são discutidos como abordagens alternativas para projetar uma plataforma de solo mais sustentável.

3.3 Degradação

Dados do Ministério do Meio Ambiente dizem que cerca de 140 milhões de hectares no Brasil são de áreas degradadas. Esta área é superior a duas vezes o tamanho da França. “Já temos áreas abertas suficientes, o que precisamos é recuperar o solo.”⁵⁸ Justificando a não necessidade de derrubar floresta para atividades agropecuárias e de pecuária. Quando um solo é recuperado, mesmo que tenha sido feita a melhor das técnicas para aquele determinado problema, ainda assim fica uma cicatriz da erosão, afirma a engenheira agrônoma, consultora

⁵⁶ Original: *The landscape is seen as malleable canvas that can be restored by human even as it is degraded. The soil is seen as an interface of environmental processes and cultural responses.* TERRA, 2019, p. 242.

⁵⁷ BSSS, 2022. *Junte-se ao movimento para ficar #grounded.* [s.d.]. Disponível em: <<https://soils.org.uk/grounded>>. Acesso em: 03 jan. 2022.

⁵⁸ Portal Dom Total. 2012. Brasil tem o equivalente a duas França em áreas degradadas, diz MMA. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/475920/2012/07/brasil-tem-o-equivalente-a-duas-franaas-em-areas-degradadas-diz-mma/>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

deste projeto, Eva Cintra Duarte⁵⁹, mestre em Ciências Agrárias, na Área de Solos e Água pela Universidade de Brasília (2002). Diante das evidências e das marcas erosivas como o exemplo do Brasil o tema deve ser antecipar a recuperação.

Há sobre o solo um traço contínuo do homem.⁶⁰ Friedrich Ratzel aborda sobre a fisionomia como um fundamento dentro do saber geográfico. Os homens sob a superfície terrestre, com suas atividades produzem obras “visíveis e tangíveis “como terras desbravadas e cultivadas. Esta vida que passa sobre o solo, Besse classifica de “impressão”. “A paisagem real faz-se por um testemunho humano”.⁶¹ Se pensarmos na intervenção humana com auxílio das reflexões deste pesquisador, os próprios componentes naturais com suas formações vegetais primitivas foram modificados sucessivamente pelo cultivo e abandono das terras (reflorestamento e desflorestamento), dentre outros fatores.

O autor afirma que a ação determinada de uma sociedade, todos os elementos expressivos da interação do homem meio fazem da paisagem, um artefato⁶². Por isso aqui segue uma tangente de exposições sobre as diversas áreas do saber que se esforçam para alinhar interesses para aumentar a consciência sobre o solo e suas funções múltiplas para a manutenção da vida no planeta. Dar visibilidade a estes assuntos e repensar os modos de produção e organização também é função do artista, que comunica com as pessoas e pensa os assuntos de seu tempo. Não apenas sobre um noticiário no jornal sobre as queimadas na Amazônia, mas sobre o assoreamento do rio Taquari e o esvaziamento de terra em Madagascar. São temas locais e de interesse global. Sem solo há um empobrecimento e literalmente raízes culturais se abalam.

A preocupação com o meio ambiente já começou já faz um tempo. Desde 1972 em Estocolmo, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, muitas outras reuniões internacionais como a Rio 92 e a conhecida Agenda 21 deram seguimento as discussões e comprometeram coletivos. No Princípio 1 da Declaração do RJ afirma que “Os seres humanos estão no centro das preocupações com o desenvolvimento sustentável. Tem direito a uma vida saudável e produtiva, em harmonia com a natureza.”⁶³ A partir da noção de sustentabilidade surgiram muitas ações, ideias, projetos pelo mundo inteiro.

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/844315/eva-cintra-duarte-de-faria>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

⁶⁰ BESSE, 2014, p. 67.

⁶¹ BESSE, 2014, p. 67.

⁶² *Ibidem*, p. 68.

⁶³ AGENDA 21. *Programa de ação para o desenvolvimento sustentável*.1992. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/a21_florestas.pdf. Acesso em: 21 dez. 2021

Recursos e bens naturais ameaçados por práticas predatórias, como o desmatamento, queimadas, exploração desordenada e poluição tem chance de se recuperarem? Alguns estudiosos mantêm a positividade, promovendo os conhecimentos que mitigam os danos ao meio ambiente. Até mesmo nas apostilas infantis do Ensino Fundamental, assuntos como gestão de resíduos, eficiência energética, microgeração de energia, monitoramento de desastres naturais, código florestal e como fazer sua compostagem são parte da rotina das crianças de menos de 9 anos.

A relação solo e paisagem é mais bem interpretada quando há entendimento sobre os atributos do solo e maior conhecimento de seu uso, manejo e conservação, sendo um recurso muito limitado⁶⁴. A FAO alerta que a cada 5 segundos, é perdida no mundo o equivalente a um campo de futebol de quantidade de solo⁶⁵.

O homem sempre conviveu com o solo, hoje tratar de assuntos como perda de solo saudável por processos erosivos não se trata apenas de um doutrinação pela conscientização ecológica mas vem falar de temas com o viés artístico. Aproxima ciência e arte. O que mais temos perdido? Uma erosão mostra o tempo e é exercido pela memória, dois recursos que serão utilizados neste trabalho. A superfície terrestre é de fato o *substratum* comum em que os efeitos destes fatores se inscrevem em caracteres plásticos.

4 CIÊNCIA

4.1 Conscientização e sustentabilidade

No artigo do livro já referido de Carlos Terra, Alexandra R. Toland, Gerd Wessolek e Jay Stratton Noller citam o livro “Do Campo à Paleta”, o qual oferece um panorama de diálogos sobre o solo nos tempos do Antropoceno⁶⁶. Traz uma investigação dos significados culturais e das representações e valores do solo num tempo de mudanças no planeta. O projeto formou uma coletânea de materiais que cruzou o conhecimento interdisciplinares de pessoas de meios culturais e acadêmicos diferentes. Ambientalistas, cientistas e artistas juntos pensando as funções do solo. Um exemplo deste despertar da conscientização do solo citado

⁶⁴ PEREIRA, 2019. p. 19.

⁶⁵ Portal das Nações Unidas. A cada 5 segundos, mundo perde quantidade de solo equivalente a um campo de futebol. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/12/1696801>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

⁶⁶ Antropoceno (ou Antropocénico em português europeu) é um termo usado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antropoceno>. Acesso em: 10 dez. 2021.

no livro foi um experimento prático como proposta realizada por eles, num formato de filme e posters apresentados no 20WCSS – 20th World *Congress of Soil Science* (Congresso da Ciência do Solo)⁶⁷, em Jeju, na Coreia, em 2014, cujo tema foi *Soil embrace Life and Universe* (Solo abraça Vida e Universo).

A nível de contextualização, o artigo cita a declaração da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o ano de 2015, considerando-o o *International Year of Soil*, Ano Internacional do Solo, e a década que segue a partir dele, como *International Decade of Soil*, a Década Internacional do Solo. Serviria como alerta para os países e organizações pelo mundo, traçarem suas atividades em volta deste tema. O mais importante seria alcançar uma consciência planetária para promover a sustentabilidade desejada do recurso natural limitado, o solo. O artigo levanta questões como:

Que tipo de informações, conhecimento e experiência são necessários para aumentar a consciência sobre o solo, ao encontro deste convite da ONU, assim como as necessidades do crescimento da população humana e outras formas de vida que dependem do solo? O conhecimento, expertise científica garante a proteção do solo por diferentes membros da sociedade? Como conduzir de forma criativa, inovativa e por caminhos experimentais esta comunicação sobre o solo? Como fazer para que a multifacetada e profunda contribuição para os objetivos das Nações Unidas ganhe o crescimento da conscientização sobre o solo na sociedade?⁶⁸ (tradução nossa)

Os artistas do experimento foram convidados a devolver uma resposta a estas perguntas. O título do projeto faz alusão ao *Field to Plate*⁶⁹, *aquele* movimento que é incentiva as pessoas a se relacionem com o consumo de alimentos frescos, produzidos próximo de onde serão consumidos. Ao invés de prato, paleta. Os estudos sobre a função do solo foram categorizados dentro de alguns ramos de interesse, como: ciência da colheita, geomorfologia, hidrologia do solo, microbiologia, geografia física e engenharia do Meio Ambiente. Elas englobam um número de facetas tecnológicas, ecológicas e sociais, descritas por Winfried Blum⁷⁰ e adotadas pela União Europeia e outras organizações como uma forma de explicar o que o solo faz e como nós humanos somos totalmente dependemos do que fazemos.

⁶⁷ Este congresso existe desde o ano de 1927. O próximo encontro será em 2022 em Glasgow. Mais informações disponíveis em: <https://22wcsc.org/>. Acesso em: 19 dez. 2021.

⁶⁸ TERRA, 2019, p. 235

⁶⁹ O inverso do *foodmiles*, alimentos que estão longe do prato do indivíduo. E quanto mais a comida viaja, mais energia é usada e há mais emissão de carbono. Este é um conceito muito usado na atualidade. Disponível em: <https://ageconsearch.umn.edu/record/48051>. Acesso em: 20 dez. 2021.

⁷⁰ TERRA, 2019, p. 238 e Winfried Blum: Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-011-2008-1_5?noAccess=true>. Acesso em: 26 fev. 2022.

Arquitetos, artistas plásticos, poetas, produtores de design, design têxtil, produtores de filmes e chefs das artes culinárias desenvolveram diversas abordagens articulando a função do solo de acordo com suas visões. Os artistas citados no capítulo seguinte compartilham com sua experiência projetos interessantes escondidos na paisagem, que somente o solo permite ver. A maioria trabalhou com as tensões mais focadas na tentativa de conectar as pessoas sobre como o solo está artilhado na vida do dia a dia. Questões pertinentes e complexas ligadas ao tema como: a produção da biomassa relacionada ao sustento ou o fundo genético de uma população e seu habitat com lar, sequestro de carbono e água em reposição, muitos deles problemáticos e desafiadores.

5 ARTE

5.1 Artistas contemporâneos e o solo

Apesar de muitos trabalhos ligados ao solo serem pertinentes tanto na causa do tema quanto pelo processo criativo, os citados neste capítulo serão uma seleção dos que mais dialogam comigo, como prática artística, poucos são da área estrita da pintura. Na parte pictórica da pesquisa serão evidenciados os artistas de pintura.

O primeiro contato quando buscamos uma associação entre arte e solo se apresenta com as produções da *land art*, em sua maioria envolvidos na causa da preservação ambiental. Agnes Denes é um nome de destaque deste grupo, sua obra *Tree Mountain*, uma espécie de capsula viva do tempo, faz a recuperação de um solo que havia sido destruído pela extração de minérios. Uma citação da autora: “*Vivemos na natureza, somos natureza*”.⁷¹

Muitas pessoas pelo mundo têm se dedicado neste campo da conscientização do solo, como por exemplo a organização *For The Love of Soil*⁷², cujo lema é “*Tornar o solo um nome familiar*”. Neste site organizado pela artista Dra. Yamina Pressler⁷³ há um conteúdo de aquarelas com diferentes tons de solo. Seu trabalho divulga o que parece óbvio, dos solos estarem por toda parte, mas muitas vezes desaparecem no plano de fundo. Gosto dos artistas que se utilizam da matéria do próprio solo para compor algum trabalho. Hernan de Vries,

⁷¹ Trecho extraído de um documentário. Original: “*We live in nature, we are nature*”. A Gift to the Future: Tree Mountain by Agnes Denes. [s.l.; s.d.]. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal The Shed. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nmVFGwNeWcc>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

⁷² Original: “*to make soil a householdname*”.

⁷³ Yamina Pressler. Disponível em: <<https://yaminapressler.com>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

artista alemão utiliza o solo para compor pinturas conceituais e instalações, reflete muito sobre as propriedades minerais da natureza. Mais sobre as propriedades transcendentais do solo mineral, cito as práticas da artista Sarah Hirneisen⁷⁴. Ela investigou a reação do solo quando é queimado com vidro.

O artista Kôichi Kurita não usa o solo para pintar, mas cria uma biblioteca do solo. Sua criação tem solos não somente do Japão, mas também de outras nações. Afirma que “há cores ilimitadas no solo causadas por combinações complexas de várias formas de vida”⁷⁵ e que definitivamente o solo não pode ser pintado apenas com os marrons. “A terra, nas mentes das pessoas, é algo sujo. Meu trabalho é, ao contrário, restaurar a pureza e beleza.”, frase da sua exposição “terra, espelho do mundo”⁷⁶. Aprecio tanto a iniciativa de catalogar os tons de cada região como a poesia no olhar sobre as cores da terra.

Ken Van Rees⁷⁷, um pintor canadense entra nesta seleção pela busca de conectar-se com o ambiente natural de uma perspectiva diferente da científica. Sua jornada na pintura está enraizada nas paisagens com uma abordagem *plein air* para transmitir uma sensação de lugar. Ele é cientista do solo da floresta e artista visual. Tem diversos trabalhos de pintura, uso de pigmentos do solo, carvão e outros. Um em especial, “Água como nosso sangue vital”, é o solo pintado na tela em laranja-avermelhado para representar o sangue. A rede de linhas vermelhas representam, de acordo com o artista, as veias / artérias que movem o sangue pelo corpo.

Margaret Boozer trabalha a ligação dos pigmentos dos solos urbanos, sua matéria prima e aplicações. No trabalho “Carry these things” feito com pedras de obsidiana e areia em uma garrafa de *Tent Rocks*, e argilas de Maryland, a artista fala de lugares e seus significados. “Uma obra de arte que guarda os objetos e a história”.⁷⁸ Neste trabalho evidencio a questão da memória e a ligação dos elementos físicos com os culturais. Em parceria com o cientista Dr. Richard Shaw, foi feito coleta com amostras de solo dos cinco distritos de Nova York, extraídas ao longo de 15 anos, para um mapeamento do solo. Antes este tipo de trabalho se

⁷⁴ Sarah Hirneisen. Explorações do solo. 2020. Disponível em: <https://www.sarahhirneisen.com/artwork/soil>. Acesso em: 26 dez. 2021.

⁷⁵ Original: “*There are unlimited colors in soil caused by complex combinations of various forms of life*”. Kôichi Kurita Web Site. Soil library I, Information, In: Kôichi Kurita, Soillog, Japão, 2014. Disponível em: <https://soillog.exblog.jp/>. Acesso em: 26 dez. 2021.

⁷⁶ Original: “*miroir du monde*”. CCHOTELS - Christiane Chabes Turismo. Occitanie, torres e muralhas de aigues-mortes. 2019. Disponível em: <https://cchotels.com.br/occitanie-torres-e-muralhas-de-aigues-mortes/>. Acesso em: 26 dez. 2021.

⁷⁷ Ken Van Rees. Disponível em: <https://www.kenvanrees.com/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

⁷⁸ Margaret Boozer. 2021. Disponível em: <http://www.margaretboozer.com/portfolio/2021-wild-spirit-wild-spirit-studies-available/>. Acesso: 26/12/2021.

limitavam a traçar planos para a agricultura, mas hoje objetivam estudar os efeitos da perturbação humana no ambiente e tem muitas aplicações: desde fibra ótica, jardins comunitários, sistemas de saneamento etc. O mapeamento foi um trabalho de planejamento muito assertivo e especial para áreas de lugares cheios de residentes, como este exemplo, 8 milhões de indivíduos.⁷⁹

A ideia de re-naturalizar áreas degradadas é alvo de muitos projetos artísticos. Nas abordagens objetivam reduzir o escoamento e erosão proporcionando um ambiente perfeito para os desenvolvimentos de plantas nativas. A importância do conhecimento do solo foi evidenciada na obra de Daniel MacCormick e Mary O'Brien, "*Watershed Sculpture*"⁸⁰. São esculturas vivas que não só se inspiram nas paisagens, mas também usam seus materiais naturais para recuperar o meio ambiente. Elas restauram margens erodidas de riachos e recarregam aquíferos, além de serem muito bonitas.

Jackie Brookner, outra pioneira no eco arte, já falecida em 2015 discute sobre a efemeridade do ciclo do solo, o qual ela passou a vida tentando entender e comunicar⁸¹ Uma de suas obras, *Of Earth and Cotton*⁸² viajou de 1994 a 1998, evoluindo na travessia do sul dos Estados Unidos, seguindo a migração para oeste do cinturão de algodão. Em cada um dos sete locais, das Carolinas ao Texas, a artista conversou com as pessoas que cultivavam e colhiam algodão à mão nas décadas de 1930 e 40. Enquanto eles falavam sobre suas memórias, a artista sentada no chão esculpia retratos de seus pés no solo próximo. Os retratos de pés se tornaram o ponto focal de grandes instalações, onde repousaram sobre 60 toneladas de solo ou 2500 libras de algodão descaroçado. Feitos com as mais diversas cores e texturas de solo, os retratos eram uma metáfora para todos os solos que foram trabalhados e a diversidade dos povos que os trabalharam.

Mandy Martin é uma das artistas mais importantes da Austrália, cuja carreira se estende por mais de 40 anos, trabalho engajado muito ligado a paisagem em que se vive. Ela fala muito sobre as questões ambientais relacionadas à segurança da água, o impacto das usinas elétricas a carvão da região e as minas a céu aberto. De modo geral ligado as práticas

⁷⁹ *Urban soil institute*. Disponível em: <<https://urbansoils.org/new-york-city-soils-survey>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

⁸⁰ A instalação é chamada de *Watershed Sculpture*, mitiga a erosão da margem devido à remoção de espécies invasoras. Sua produção envolveu mais de 400 horas doadas por 100 voluntários. *In*: TERRA. 2019. p. 243.

⁸¹ *Ibidem*. P 242.

⁸² Jackie Brookner. *Of earth and cotton*. Disponível em: <http://jackiebrookner.com/project/of-earth-and-cotton/>. Acesso em: 26 dez.2021.

do uso da terra e crenças populares. Ela utiliza paleta de terra e pinta muitas paisagens de mineração e extração.

A artista espanhola Lara Almarcegui⁸³ apresenta instalações conceituais que falam sobre um incessante ciclo de construções e demolições nas cidades. Ela concentra sua atenção em espaços e estruturas abandonadas em processo de transformação. Como se fosse um diálogo entre os diferentes elementos que constituem a realidade física da paisagem urbana, em sua constante transformação por meio de demolições. Seus trabalhos envolvem escavações e ocupação urbana com grandes quantidades de terra e rochas ou materiais de construção.

Betty Beier é outro nome que não pode ser esquecido dentro deste tema. É uma artista alemã envolvida em diversas questões atuais da proteção do meio ambiente. Um de seus trabalhos foi desenvolvido no Brasil e fala sobre a polêmica barragem de Belo Monte, ou a “Barragem do Monstro”. Ela comenta que uma área do tamanho o Lago de Constança⁸⁴, uma referência para exemplificar ao povo alemão o tamanho da área inundada. Muitas pessoas (aldeias e terras agrícolas) foram deslocadas à força de suas terras e grande área de floresta tropical foram inundadas nas enchentes. Trabalha com impressões terrestres, que são metros quadrados de determinados lugares, como este citado acima. Colocado numa caixa, se transforma num objeto, como um recorte do chão daquele lugar.⁸⁵

Estes últimos trabalhos são diferentes dos demais. O primeiro através do conceito alternativo de *Terroir*⁸⁶, a obra *Taste of Place*, de Laura Parker⁸⁷ explora os sabores de 78 locais, como se pudéssemos explorar o solo pelo seu sabor particular numa instalação de solo interativa. Parte da experiência envolve sentir o cheiro da terra e depois comer os alimentos que foram cultivados naquele solo. As questões problemáticas da industrialização agrícola e da interrupção dos ciclos de nutrientes, isto sem contar com a poluição. Abordagem criativa e

⁸³ Lara Almarcegui. Disponível em: <<https://www.mor-charpentier.com/artist/lara-almarcegui/>>. Acesso em: 28 dez. /2021.

⁸⁴ “O Lago Constança (conhecido como *Bodensee*, em alemão) está localizado na Europa Central e, com seus 63 km de comprimento, faz fronteira com Alemanha, Áustria e Suíça”. Lago de Constança. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lago_de_Constan%C3%A7a>. Acesso em: 04 jan. 2022.

⁸⁵ Disponível em: <https://erdschollenarchiv.de/en/>. Acesso em: 04/01/2022.

⁸⁶ *Terroir* é uma palavra francesa sem tradução em nenhum outro idioma. Significa a relação mais íntima entre o solo e o micro-clima particular. ADEGA. *Qual o significado de Terroir?* In Da Redação. Brasil. 2016. http://revistaadega.uol.com.br/artigo/voce-sabe-o-que-e-terroir_2655.html#ixzz3oaQda1XE> Acesso em 30/01/2022.

⁸⁷ LAURA parker studio. *Taste of a Place. Na Interactive Soil Installation*. USA. 2019. Disponível em: <<https://www.lauraparkerstudio.com/taste>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

sensorial em nome da segurança alimentar. A culinária e arte neste, no próximo abaixo, arte e moda.

O trabalho *Yarn*, de Laura Harrington⁸⁸ é uma construção que concebe os tecidos e roupas que consumimos como 'paisagens vivas'. Uma junção que me deixou encantada, por unir tecidos, roupas conectados às pessoas e ao mundo natural. Conforme sua obra estes materiais de origem estão enraizados em diferentes climas e topografias, que carregam profundamente na memória de suas fibras. E através da nossa proximidade e estreita relação com as roupas e tecidos consumidos protegemos ou absorvemos as conexões ecológicas embutidas em sua produção.

Um perfil artístico que me fez sentir identidade foi o de Alexandra Toland⁸⁹, responsável pela edição do livro que deu origem ao artigo que seguimos como roteiro no caminho de estudos sobre o solo. Em sua prática artística ela explora questões sociais e culturais de solos urbanos, também vegetação e ar. Dentro de seu currículo também é pertinente acrescentar que ela também é apicultora, forrageira, engenheira florestal e mãe de dois filhos.

Solo é parte do nosso presente, passado e futuro, “*Soil are our past, presente and future*”. Retirada da campanha que busca mais envolvimento das pessoas com o solo, a *The British Society of Soil Science*, companhia inglesa lançou ano passado, com este lema, um movimento com a seguinte hashtag *#grounded*⁹⁰. Fecha assim a demonstração do que tem sido pesquisado e produzido com este envolvimento com o tema do solo.

⁸⁸ UGM. LAURA HARRINGTON/ A YARN. 2019. INGLATERRA. Disponível em: http://www.ugm.si/en/eko-8/eko-8-artists/?tx_news_pi1%5Bnews%5D=4344&cHash=dd186f0228cd0a163eb943bf3971e44c. Acesso em: 29/01/2022.

⁸⁹ Alexandra Regan Toland é reitora de estudos e professora júnior de artes e pesquisa na Bauhaus University Weimar, onde dirige o doutorado. programa em arte e design. Ela obteve seu MFA do Instituto de Arte Holandês (DAI) e um doutorado em planejamento paisagístico da TU-Berlin como bolsista da DFG nas Perspectivas de Ecologia Urbana. Mais informações sobre a artista em seu site. ALEXANDRA REGAN TOLAND. *Reseach Narratives in Artistic Ecology*. 2021. Alemanha. Disponível em: <https://artoland.wordpress.com/bio-2/> Acesso em: 04/01/2022.

⁹⁰ BSSS, 2022. Disponível em: <<https://soils.org.uk/grounded>>.

PARTE III – PROCESSOS PICTÓRICOS

6 DIÁRIOS DA ARTISTA: ANTES DO TEMA CHEGAR

Uma pesquisa visual é sujeita a muitos acontecimentos que permeiam a vida da sociedade e que afeta diretamente aquele artista como indivíduo dentro desta totalidade. Como entender sua pesquisa sem conhecer o dono desta particular investida, seu contexto cultural ou afeições e conceitos desenvolvidos? Este diário é informal por natureza, desde a primeira linha já apresentando um diário tomou corpo numa tentativa de desmistificar a produção textual. Facilitar o início desta execução, em outras palavras. Este relato menos rígido e mais próximo do universo do artista é meu impulso inicial. Com esta antessala, pegamos uma cadeira confortável para ouvir a trajetória na primeira pessoa e em seguida seguiremos numa apresentação formal do tema, seu desenvolvimento e certamente a produção pictórica e seus processos. Se termos uma conclusão neste interim ficarei feliz em entregar um pouco dos meus esforços para a comunidade acadêmica do mundo das artes, na cidade do Rio de Janeiro.

Uma informação importante abre os relatos do “Diários da Artista”, Parte III, “Antes do tema chegar”: Alexandre Hogue entra no corpo da pesquisa deste presente TCC. Foi no último dia do mês de setembro de 2021. Como posso ter desconhecido este trabalho até hoje? Fico feliz de tê-lo conhecido finalmente. Antes tarde do que nunca. E será importante para os paralelos entre tema e produção pictórica no desenvolvimento futuro. Mas afinal, do que se trata o interesse desta produção? Alexandre Hogue pode nos dar uma pista, ele foi um artista norte americano da década de 30, pintor realista de paisagens, em sua maior parte na época do *Dust Bowl*, um período severo de tempestades de areia que danificou tanto a parte ecológica quanto agrícola dos Estados Unidos e Canadá. Com uma seca forte, não foram adotados métodos preventivos nos cultivos e sofreram muitos danos com processos das erosões eólicas. Erosão, questões ambientais e basicamente paisagens. Não se trata, portanto, do ponto de vista geológico e visual, das paisagens forjadas pelo vento e pelo clima, a superfície da Terra ganhando formatos inusitados, como por exemplo os cânions famosos americanos ou muitos lugares do Nordeste brasileiro.

O panorama do artista segue um trabalho que explora as questões humanas da relação com a natureza e a cooperação dessas forças para ganho mútuo, o que na verdade não acontece e seu trabalho é mais um alerta sobre o mundo da natureza, as consequências agrícolas sobre o solo e a perda dele, como recurso muito valioso. Descobrimos este pintor

que retratou, através de seu contexto, lá no Texas, dos seus diversos problemas ambientais, senti identidade tanto no tema quanto admiração de sua estética. Deste 2018 venho buscando este tema, mesmo sem antes ter completa consciência de sua dimensão e sobretudo sem um roteiro organizado. A terra por si só sempre me atraiu pela beleza de suas cores e pelo seu significado para a vida. A terra é palco de um campo de batalha⁹¹. São tantas forças envolvidas, tanto dos processos naturais de sua degradação quando os que impõem sua quebra, acelerando malefícios para a humanidade. Fiz nota do dia em que conheci este pintor, porque foi especial para a pesquisa e no próximo parágrafo discorro sobre os fatos relevante que precedem, numa linha do tempo das minhas atividades artísticas para este presente trabalho de conclusão do curso de Pintura da EBA/UFRJ.

O contexto pandêmico ligou uma luz vermelha dentro de cada um, um alarme de perigo e uma tentativa de ver o fim deste momento ruim o quanto antes. Esta antecipação do cenário prospectivo futuro se dá com ansiedade. Nem todos tem a consciência do que se deve fazer para colaborar para reduzir os riscos. E este pensamento também se aplica ao meu tema. Voltando, e se tratando de uma pandemia em curso desde o final de 2019, autoridades de todo mundo responderam implementando restrições diversas, como é sabido, os *lockdowns*, controles de locais de trabalho e fechamentos de instalações. Portanto o ano de 2020 foi ainda mais neutro de temas de estudo porque a mudança social foi tão drástica que me recorde de pintar e pensar basicamente motivos do cotidiano, filhos, escola online, cansaço e objetos de casa. Também articulei um pouco de fotografia com o uso do próprio corpo como suporte criativo. Tive meu segundo filho em 2019 e seu aniversário de um ano ele estava contaminado pelo vírus, todos da casa tivemos exame negativo. No final, tudo bem e mais uma memória da minha história particular. Como muitas pessoas, durante a crise se mudaram de casa e cidade, nós também, do Rio de Janeiro para o estado de São Paulo.

Partindo de registros autorais, tem uma fotografia tirada no ano passado, em particular uma foto noturna de uma queimada próximo ao lugar onde moro que vale mencionar. É como acontece em todos os anos, algum lugar é tomado pelo fogo nos meses mais secos e ele se espalha rapidamente, assustando pela velocidade e força, se com vento forte e pouca resistência física, tudo fica preto e a fuligem é espalhada no entorno. Neste momento do ano em que o mundo recebe um vírus perigoso, uma queimada é apenas uma queimada, sempre

⁹¹ Ache Tudo e Região. Erosão. Dorothy Stetsko, West Park Elementary Fresno, CA.2020. Disponível em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/animais/erosao.htm>. Acesso em: 06 jan. 2022. No original “No matter where you look, the land you see is a battleground...” *EROSIONS*. Dorothy Stetsko, West Park Elementary, Fresno, CA. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/74849259/Dorothy-Stetsko>. Acesso em: 26/02/2022.

existiu e sempre existirá. Porém tivemos um alerta internacional sobre a Amazônia e as queimadas de lá na área legal ganharam o conhecimento internacional e a queixa não foi só dos ambientalistas. Está além do que a própria natureza pode se refazer, tanto lá quanto tem outros biomas.

Se fizéssemos um balanço deste ano, além das queimadas, foram enchentes, desmatamentos, animais invasores, ciclone bomba e até nuvem de gafanhotos. Foi considerado o terceiro ano mais quente a ser registrado. No final deste ano de 2020, com a troca presidencial nos Estados Unidos outras promessas foram feitas quanto a postura dos americanos quanto as premissas ecológicas e um prazo de redução dos agentes causadores de agressão ambiental. Os países de fato se uniram para desta vez tentar serem mais “verde” em conjunto. A crise sanitária gerou outro fator que deve ser acrescentado aqui, a desaceleração econômica. Em seguida da parada forçada de pessoas e máquinas, para as questões ambientais, tivemos a nível global um ar mais puro. Este pode ser um dos exemplos para considerar 2020 um ano de paradoxos. As duas décadas do segundo milênio encerra com 3299 espécies ameaçadas de extinção no Brasil. Nada bom e outros países apresentam índices alarmantes quanto ao risco da perda de animais e espécies da flora também.

Portanto no ano atual, 2021, podemos citar, seguindo o crescente interesse na causa ambiental, as queimadas da Chapada em Goiás, o que particularmente dirige minha atenção por ser lá minha terra de origem. Redemoinhos de fogo, vento e fogo e altas temperaturas e longe dali erupções vulcânicas, inundando os noticiários com lava em laranja e um calor destruidor. Forças da natureza, mas também desequilíbrios ambientais aqui e ali. Este tema volta a atrair o olhar para trabalhar no TCC um pouco do que foi explorado durante o curso da faculdade de Pintura, entre os anos 2018 e 2019. Foram estudadas paisagens inspiradas em fotografias de terras e barrancos, durante viagens pelo Brasil, das quais era notado um desvelar do solo, processos erosivos e árvores caindo em decorrência deste desmoronamento. Foi feito um pré-projeto simulado para o TCC, intitulado “Terra Nua”. Estas elaborações primordiais do pensamento sobre o solo foram apresentadas nas disciplinas de pintura alguns trabalhos com muita incidência de vermelhos e laranjas e contraste de céus cheios de nuvens.

Retomando este processo, voltei a pesquisar paisagens e processos de pintura neste caminho e muitas vezes me deparei atraída por imagens de Marte dos recentes materiais disponibilizados nas buscas online. São lugares vazios e com sinais de erosão, lindos e atrativos como os que meu olhar tanto buscava por aqui e com ares de apocalipse. Fontes de inspiração de Madagascar até Marte, acrescentando leituras e um novo pensar, mais voltado

para a volatilidade do recurso ambiental, segue a proposta deste trabalho, o qual vem a seguir mostrar uma apresentação do tema mais sucinta.

6.1 Pintores, terra e poética

Alguns excelentes paisagistas como Thomas Moran e Frederick Samuel Dellenbaugh documentaram paisagens de cânions e penhascos nos Estados Unidos no final do século XIX, verdadeiros levantamentos geológicos de futuros parques de proteção ambiental. O alemão Johann Rugendas⁹² no Brasil fez também um registro das terras de muitas províncias como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Mato Grosso e Espírito Santo. O italiano Theodoro de Bola é o nome que com significativa presença produz pinturas de paisagens do Estado do Paraná, assim como o norueguês Alfred Andersen, considerado o “pai da pintura paranaense”⁹³. Mais um nome no contexto Brasil, Félix-Émile Taunay, documenta com pinturas o Rio de Janeiro e muito da história do povo e da cidade foram descritas através de suas paisagens.⁹⁴ Se houvesse páginas sobrando, Almeida Júnior estaria aqui exemplificando com tantas pinturas que não escondiam as terras e os interiores do Brasil, dentre outros artistas. Sua temática regionalista permitiu um retrato da paisagem brasileira. Os pintores de solo desta seleção são também pintores de paisagem como os citados anteriormente, mas eles têm mais referências que se aproximam dos assuntos discutidos neste trabalho, seja no olhar sobre a terra, seja sobre a sensação da cor ou especificamente envolvido em problemas ambientais os quais cada qual em sua época foi capaz de comunicar.

O primeiro deles é Alexandre Hogue. Artista americano, de 1888, natural de Memphis, Missouri. Se tornou conhecido como artista ativista nos anos de 1930. Era um artista realista

⁹²Uma obra de Rugendas pertinente a preocupação ambiental é uma gravura que retrata uma derrubada de florestas para plantação de cafezal no Rio de Janeiro. INSTITUTO POIMÊNICA. Derrubada de uma Floresta – Johann Moritz Rugendas. In Arte. 2019. Disponível em: <https://institutopoimenica.com/2019/05/15/derrubada-de-uma-floresta-johann-moritz-rugendas/>. Acesso em: 06/01/2022.

⁹³MUSEU CASA ALFREDO ANDERSEN. Biografia de Alfredo Andersen. Paraná. Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.mcaa.pr.gov.br/Pagina/Biografia-de-Alfredo-Andersen>Acesso em: 04/01/2021.

⁹⁴ Taunay tem uma pintura de uma derrubada de matas nativas, feitas por escravos para provavelmente ser feito ali um cafezal, ou uma evidência da destruição da mata para comercio de madeira. O pintor é mais conhecido pelas pinturas que moldaram a identidade nacional, mas através desta pintura mostra uma perspectiva da qual o artista estava ciente dos danos ambientais da época. “Neste quadro, Taunay descreveu o cenário natural transformado pela ação humana: o lado direito da tela expõe a Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, em seu estado virgem, enquanto, o esquerdo indica os lugares onde a vegetação foi cortada, queimada e reduzida a carvão. Ao mostrar a terra esgotada de seus recursos, a pintura de Taunay combina uma atenção aos detalhes científicos com as técnicas europeias de composição da paisagem.” PICTURING THE AMERICAS. Vista de Um Mato Verde que se está reduzindo a carvão. In Terra Foundation for American Art. In 2022. Disponível em: <https://picturingtheamericas.org/painting/vista-de-um-mato-irgim-que-se-esta-reduzindo-a-carvaoview-of-a-native-forest-being-reduced-to-coal/?lang=pt-pt>. Acesso em: 06/01/2022.

associado ao grupo *Dallas Nine*⁹⁵. A Maior parte dos seus trabalhos foram desenvolvidos durante o *Dust Bowl*⁹⁶, retratando paisagens com foco no sudeste dos Estados Unidos e na área Central Sul Também⁹⁷. Elaborou uma série de trabalhos, chamado *Erosion Series*, que de acordo com Ann K. Hartvigsen⁹⁸ do Departamento de Artes Comparativas e Letras, do *BYU Master of Arts*, ao mostrar pinturas de fazendas devastadas pelos ventos do período catastrófico do *Dust Bowl*, promove atitudes ambientais muito antes que a América tivesse uma linguagem ecológica bem desenvolvida. Hogue se esforça para retratar a devastação causada pela seca e práticas agrícolas agressivas, em contraste das paisagens apresentadas por Thomas Hart Benton e Grant Wood, por exemplo, contemporâneos dele, mostravam um retrato irreal de fazendas americanas abastadas e não condizentes com a crise econômica.

Ele explora a relação do homem com a terra e mostra como essa relação é muitas vezes destrutiva em vez de construtiva. A tese de Hartvigsen afirma que as pinturas, e as artes plásticas em geral, são um passo importante para um futuro mais ecologicamente correto, um futuro que Alexandre Hogue procurou promover por meio de nove obras ecologicamente carregadas.

Vincent Van Gogh, pintor holandês de 1853, cuja obra é amplamente estudada, possui uma formação artística fragmentada. Há muitas observações que me trazem para este autor, mas acredito que está ligado aos impulsos dele, sua ligação enquanto ser humano com as coisas e a natureza. Também mantém uma ligação constante com a transitoriedade da vida e o aspecto do efêmero. Suas pinturas de paisagem são tantas e a cada dia conheço uma outra nova, como por exemplo, o “Homem a Cavar”, a “Paisagem Pantanosa”, Duas Mulheres a Atravessar aos Campos” ou “a Velha Torre nos Campos”⁹⁹. São muitos os trabalhos de Vincent Van Gogh que trazem cenas do campo, campos ao sol, plantações de trigo, planícies, como a “Vista da planície de Crau” dos quais a relação dele com o solo documenta sua época. “Uma planície sem fim _ do alto de uma colina, vista da perspectiva a vôo de pássaro _

⁹⁵ Mais curiosidades sobre este grupo de artistas do Texas/USA: Kendall Curlee. *Dallas Nine*. In *Texas State Historical Association Handbook of Texas Online*. 2022. Disponível em: <https://www.tshaonline.org/handbook/entries/dallas-nine>. Acesso em: 26/02/2022.

⁹⁶ O *Dust Bowl* foi o nome dado à região de Southern Plains, atingida pela seca, nos Estados Unidos, que sofreu fortes tempestades de poeira durante um período seco na década de 1930. HISTORY.COM EDITORS. *Dust Bowl*. In *History*. A&E Television Networks. 2009. Disponível em: <https://www.history.com/topics/great-depression/dust-bowl>. Acesso em: 31/01/2022.

⁹⁷ Lea RossonDeLong, “Hogue, Alexandre, In *Handbook of Texas Online*. Texas State Historical Association. S/D. Disponível em: <https://www.tshaonline.org/handbook/entries/hogue-alexandre>. Acesso em: 26/02/2022.

⁹⁸ Hartvigsen, A. K. (2015). *The Terrifying and the Beautiful: Na Ecocritical Approach to Alexandre Hogue's Erosion Series*. Disponível em <https://scholarsarchive.byu.edu/etd/5695>. Acesso em 27 de 11 de 2021.

⁹⁹ Imagens das obras disponíveis no livro: WALTHER, Ingo F.; METZGER, Rainer. *Vincent Van Gogh: Obra Completa de Pintura*. Tradução Cristina Rodrigues e Artur Guerra. Koln: Taschen, 2 Vol. 1996. Páginas 12, 24, 691 e 45.

videiras, searas ceifadas. Tudo isso é multiplicado até o infinito e estende-se como a superfície do mar até ao horizonte limitado pelas colinas de Crau”¹⁰⁰. Na fase de sua vida em Saint-Rémy, a artista se utiliza do real e acaba por projetar uma metáfora do eu e sua arte paisagística adquire outras características. Ele tem intenção de entender o real, a paisagem, como disse aqui: “Pouco a pouco, vou-me começando a aperceber de toda a paisagem que me rodeia”¹⁰¹

Georgia O’Keeffe, de 1887, a segunda de sete filhos, cresceu em uma fazenda perto de Sun Prairie, Wisconsin, USA. Ela estudou no Art Institute of Chicago e na Art Students League em Nova York, onde aprendeu as técnicas da pintura tradicional. Sua prática artística tomou outras direções e desenvolveu uma linguagem pessoal para expressar melhor seus sentimentos e ideias. A sua pintura evolui durante o tempo e adquire novas posturas diante da paisagem. Ela inicia na pintura com abstrações e depois segue experimentando até o fim de sua vida. É considerada hoje a mãe do modernismo dos Estados Unidos e uma das pintoras mais bem pagas da história. Suas pinturas de flores e de paisagens do Novo México trazem mais de um sentido, convidam para conhecer além do tema. Quando já estava com seus 98 anos e quase cega a artista afirmou “Posso ver o que quero pintar. A coisa que faz você querer criar ainda está lá.” Ela contou com ajuda assistentes para permitir que ela continuasse criando arte baseadas em motivos favoritos da memória e de sua imaginação vívida.¹⁰²

Antônio Diogo da Silva Parreiras¹⁰³ iniciou seus estudos artísticos como aluno livre na Academia Imperial de Belas Artes (Aiba) em 1883. Na sua trajetória, a paisagem se destaca. Se dedica a pintura ao ar livre e reinventa a sua maneira de interpretar a natureza. “Fim de Romance” e “Iracema”, por exemplo, obras mais conhecidas do autor, tem uma narrativa e uma clássica cena de interior. “Ventanias” é uma obra incrível, de uma estrada que segue para o alto do morro em direção ao céu que traria chuva em breve. As paisagens posteriores da década de 30 são consideradas as produções mais vigorosas que sobressaem entre as mais notáveis pinturas brasileiras. O que me atrai em seus trabalhos é esta busca de se relacionar intimamente com o meio ambiente natural, como evidenciado em sua obra “Pintando do Natural”. Possui uma autenticidade que o diferencia das demais pinturas de

¹⁰⁰ Coleção Folha Grandes Mestres da Pintura. Van Gogh. Editorial Sol 90, S. L. 2007. P.52

¹⁰¹ INGO. 2015. P. 527.

¹⁰² O’KeeffeMuseum. About Georgia O’Keeffe. In Georgia O’KeeffeMuseum website. 2022. Disponível em: <https://www.okeeffemuseum.org/about-georgia-okeeffe/>. Acesso em: 31/01/2022.

¹⁰³ ITAÚ CULTURAL. Antônio Parreiras. In Escritório de Arte. S/D. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/antonio-parreiras>. Acesso em: 04/01/2022.

paisagem, possivelmente pela insistência na busca por este relacionamento ao ar livre com a imagem da paisagem.

Thiana Sehn, natural do Rio Grande do Sul é a última pintora deste capítulo. Coursou Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS e frequentou ateliês e cursos de imersão em São Paulo. Seu trabalho foi direcionado para pintura ao ar livre e os desafios constantes do exercício de observação da constante transformação da atmosfera. Em imersão na zona rural, diante da natureza, de sua terra natal a artista aprofunda nas questões não só da pintura, mas da própria vida e da nossa percepção do mundo. Infelizmente ela faleceu precocemente num acidente de carro próximo de São Bento do Sapucaí, na serra de São Paulo, iniciando sua pesquisa de mestrado¹⁰⁴. Temos praticamente a mesma idade e a princípio o que me chamava atenção em seu trabalho era a escolha da imprimatura de suas paisagens em vermelho. Eu fazia o mesmo nas minhas e me identifiquei com seu processo. Ela fez de modo proposital para um contraste com os verdes da mata. Um de seus trabalhos foi documentado, por ela mesma, na tentativa de avaliar seu desenvolvimento, na produção de uma tela grande, de pintura ao ar livre. Neste vídeo, imersa na natureza pela melhor observação possível, conseguimos entender as dificuldades de realizar uma pintura num ambiente não controlado. Vento, chuva, iluminação. O resultado é notável.

Deixo no final um trecho de suas palavras, retirado do seu trabalho acadêmico de conclusão de curso.

De acordo com o que nos diz Gombrich, é praticamente impossível imitar a natureza tal e qual. A natureza é viva e de sua vida o que me interessa são as experiências. Ao pintar ao ar livre, tudo muda o tempo todo, a cada vez que dirijo meu olhar para a paisagem, ela já mudou. É necessário que eu esteja completamente presente, concentrada e com a observação aguçada. Meu olhar está sempre em um vai e vem da tela à paisagem e da paisagem à tela, mas tenho a consciência de que a tela é um fato independente da natureza. É motivada por ela, mas dela difere, tem suas próprias regras. E o meu interesse é de interpretar o que vejo, transformar em outra coisa, não é fazer uma pintura tal qual. (Sehn, 2016:28)¹⁰⁵

¹⁰⁴ CORONA, M. *As paisagens de Thiana Sehn: experiência, distâncias e deslocamentos*. Estúdio, Lisboa, vol. 10, n. 26, abr. – jun. 2019. Disponível em: <https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582019000200002?script=sci_arttext&pid=S1647-61582019000200002>. Acesso em: 19 dez. 2021.

¹⁰⁵ Sehn, Thiana (2016). A pintura de paisagem e a paisagem na pintura. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Artes Visuais, Instituto de Artes - UFRGS. Porto Alegre/RS — Brasil.

6.2 Produção Pictórica

As produções pictóricas dentro desta pesquisa indicam características diferentes entre as obras criadas durante o início da faculdade e as demais próprias para a conclusão do curso e exposição individual. De certa maneira foram pinturas de paisagem que tinham relação direta com o solo e sua observação da natureza e dos espaços onde o “evento humano” ali atuou. Seja num barranco produzido por escavadeiras ou um paredão de terra escoando pela gravidade e falta de vegetação na beira de uma rodovia, um corte num morro no interior de São Paulo ou no sertão de Goiás, as referências foram muitas e quase todas fotografadas pela própria proponente deste trabalho, em sua maioria com erosões.

O primeiro grupo de pinturas teve especialmente como inspiração as terras do estado de Goiás, da cidade de Pirenópolis-GO, onde a artista passou parte de sua infância, em território cheio de memórias. Outros foram de fotografias feitas pelas estradas entre São Paulo e Rio de Janeiro, durante muitos anos de idas e vindas para visitas familiares. São composições que evidenciam mais porções de terra dentro da tela do que pedaços de céu. Na proporção de três para um e numa tentativa de valorizar o profundo deste material ocupando maior parte da tela. Nesta construção algumas árvores secas aparecem entre as erosões ou como insistência de sobreviver em um chão instável. A presença da imprimatura vermelho alaranjada está em todos eles e aparece no céu ou mesmo nas partes baixas de solo. São utilizadas poucas camadas de tinta, com um aspecto inacabado. Uma certa abstração e tons muito saturados entre amarelos e sobretudo vermelhos. Os azuis profundos e nuvens, muitas delas e sem definição.

O segundo grupo de pinturas tem recortes diferentes, possuem um pouco de diagonal, reduziram o vermelho, está mais laranja e rebaixado e alguns violetas sobem aos céus, ainda curtos em comparação às terras. Há indícios de erosão em todo lugar, maiores como voçorocas até umas pequenas ravinas na cidade próximo a ciclistas, grandes crateras dentro de condomínios fechados inutilizando territórios, “morros de ninguém” pelas estradas, tratores e terras, paisagens de arados e mais árvores solitárias e um coqueiro verde. Neste último lote foi incluído um trabalho de crochê que articula os horizontes de terra e a diversidade do solo com cores e suas camadas.

6.3 Pinturas

Os estudos neste presente trabalho desenvolvem-se a partir de uma provocação, o estímulo motivador da pintura foram as paisagens com erosões, as terras lavadas e desprotegidas fruto da degradação tanto natural quanto por ações antrópicas. Estas interferências na paisagem, da retirada da camada protetora se tornou tema e questão para a compreensão da paisagem contemporânea. Composta por um sistema complexo e dinâmico, com dimensões várias como a ecológica, a cultural, as dimensões socioeconômicas (com os fatores da alteração das atividades humanas permanentemente construindo e alterando a paisagem), e a dimensão sensorial, ligada a apreciação das paisagens. A paisagem é palco de muitas narrativas e a escolhida por este trabalho parte das erosões. Esta perda material de solo afeta o meio ambiente num todo e sobretudo esteticamente paisagens urbanas e rurais.

Nos primeiros momentos da pesquisa, observando a quantidade de ravinas, desmoronamentos nas encostas, sulcos da passagem das águas sobre o solo e grandes áreas úteis feitas crateras por erosões gigantes, me sentia comovida sem mesmo saber o porquê do interesse. Estas reminiscências iniciais que não compreendia por encostas e barrancos hoje entendo. A produção de pintura seguiu o processo do entendimento da paisagem do presente.

A pintura serve como escola do olhar e evidencia uma contemplação além daquilo que o olho vê, desta realidade vista e reproduzida na mimese, assim como ela é. As obras mostram uma paisagem além da representação. A percepção da paisagem está ligada a um território, isto é fato. Quando transportado através da subjetividade pictórica pode se estender a muitos temas pertinentes à vida do presente tempo. A paisagem ao figurar um barranco de erosão, por exemplo, é capaz de apresentar implicitamente os seguintes debates: crise ecológica, questões de politização da “natureza”, jogos de poder, os usos indevidos e as desapropriações do material vivo da superfície terrestre, entre outros.

A paisagem não é somente um lugar estabelecido, como uma montanha e um rio, uma área rural, uma floresta ou uma imagem da *Linha Amarela* antes do túnel a caminho de Jacarepaguá¹⁰⁶. A paisagem certamente carrega uma complexidade, como vimos nos primeiros capítulos, tanto na formação de seus conceitos quanto em seus significados. Traz história, maneiras de organização no espaço e principalmente percepções diferentes sobre as relações dos povos com estes lugares. Também os sentimentos de pertencimento, os laços emocionais e as construções culturais como elaborações mentais deste constructo.

¹⁰⁶ Nota-se a nostalgia do percurso da faculdade da EBA-URFJ pré pandemia.

Meus estudos de paisagem começaram motivados por este sentimento de identidade com um local. Depois esta ligação deu lugar ao interesse por vários lugares que apresentavam características semelhantes. Pela apropriação de fotografias de terrenos em beiras de estradas e rodovias, a ideia era abordar os efeitos da temporariedade, do efêmero. Em algum momento a pesquisa toma outro caminho além desses temas, embora ainda sejam erosões, elas conceitualmente se deslocam. Se a paisagem é um território que muda de tempos em tempos, leva-se em conta agora as forças que a modificam.

Assim a paisagem, território em constante mudança e construção não pode ser apenas aquilo que está diante da visão. É resultado material de todos os processos, naturais e sociais num determinado sítio. É parte de um processo longo de elaboração da natureza, que se altera e desenvolve numa relação de trocas entre os viventes e sua exclusiva dinâmica. E principalmente existem muitas forças que modificam a paisagem. A própria invenção da paisagem como um conceito romantizado tende a não dar conta das questões pertinentes da categoria.

A ideia de paisagem nasce num determinado momento e converge com a pintura. Além da representação há uma ideia sobreposta plástica. Algo além, visto pela abstração da arte. A ideia de paisagem surge num determinado momento e extrapola os horizontes de cenas de natureza e vegetação. Ela também é construída a partir da síntese de elementos presentes nestes locais e sua apreensão dá-se pela imagem visual resultante dela.

O ponto de vista não partiu sobre a proteção patrimonial ou ecologia e meio ambiente. Ele ganhou uma abertura, além das questões do pertencimento e identidade de um território e lugares passageiros, começou a considerar os componentes naturais e culturais conjuntamente. O desafio da pintura era retratar esta singularidade e evoluir pictoricamente e conseguir passar uma ideia mais clara. O como abordar a paisagem da contemporaneidade a partir destas imagens de erosão passa por um período de quatro anos de elaboração até a data presente.

PROCESSOS, TÉCNICAS E MATERIAIS

A pintura é o produto de um processo. Esta laboração envolve uma ideia, um planejamento e o conhecimento de uma técnica. Para tal é necessário um tanto de experimentação e prática. A aplicação desta concepção será apresentada neste capítulo com a sinceridade do exercício desenvolvido durante a produção individual. Partindo do tema,

seguido da técnica, materiais e processos, a descrição das obras da exposição e a relações cromáticas.

O processo deste trabalho pode não ter começado preocupado com o objeto em si, mas com os Impressionistas, se ligava mais ao efeito visual. O conjunto cromático experimental especulava motivações, mas sem uma linguagem clara. A primeira tela, cronologicamente, “A Passagem” foi feita em tinta óleo e cera de abelha num grande formato, uma experiência única de trabalho com consistência espessa e com muitos desafios posteriores quanto as possibilidades das técnicas mistas. O manuseio e o transporte, o tempo de secagem e os acabamentos foram desafiadores. A partir desse caso, as outras pinturas seguiram outro padrão e técnica. A escolha da tinta foi o uso da tinta acrílica. Já havia um tempo que havia deixado de usar a tinta óleo em substituição pela resina acrílica. Pela praticidade de limpeza e velocidade na produção, além da excelente característica de não ser tóxica.¹⁰⁷ Houve a necessidade de adaptação às novas circunstâncias de trabalho e alguns limites acarretaram novidades na minha pintura.

A tinta acrílica possui uma alta viscosidade e é bem resistente. Esta textura me recordou meu primeiro contato com tinta plástica, a tinta serigráfica, pastosa, mas não pegajosa. O fato de permitir a mistura¹⁰⁸ de materiais sempre me agradou. Eram muitas experiências colantes, rápidas e pincéis perdidos. Na pintura mais recente, “Mais Condomínios”, por exemplo, juntei tinta acrílica com terra. Durante a produção e até mesmo a própria história da tinta acrílica envolvem questões como a qualidade de vida e saúde que são exigências atuais. A facilidade no manuseio dos produtos, a limpeza mais prática com uso de água e secagem mais rápida é atraente. O que foi importante também na escolha pela acrílica em determinado momento foi a capacidade de fazer grandes formatos com cor plana e homogênea e menor tempo. A pintura “Terras do Conde” é um exemplo de pintura de grande dimensão, feita nas vantagens desta técnica, feita em pouco tempo e com experimentações de *driftings*, escorridos de tinta, empastamentos e um gestual com poucas sobreposições.

Cada tinta tem um comportamento e durante este processo de pinturas de terras com tinta polímera percebi que reduzi a paleta de cores. As cores adquirem caráter distinto quando aplicadas por transparências ou em pastas opacas. Dentro do círculo cromático as três cores

¹⁰⁷ Além disso também a questão de trabalhar dentro de ambientes fechados, no meu caso com crianças dentro de casa.

¹⁰⁸ O acrílico se refere ao ácido hidrossolúvel que forma polímeros. A tinta acrílica é formada por pigmento e médium acrílico. Por ter base d'água a tinta acrílica permite uma interação com outros meios plásticos potencializando possíveis técnicas mistas.

primárias representam a dinâmica do matiz. O vermelho é uma destas três considerada uma cor original, uma cor fundamental. Sendo uma cor primária pura é a cor mais fácil a ser reconhecida num quadro complexo de matizes, mais claros ou escuros. É considerada na pintura uma cor mais estática. Na obra “Curva do Trevo” há uma diagonal vermelha que apresenta esta cor em seu matiz mais expressivo.

Algumas novas cores foram escolhidas simplesmente pela maior disponibilidade do mercado, como por exemplo um tom de vermelho que eu chamo de “verdadeiro”, que era vendido em potes grandes, com um vermelho mais quente que havia visto. O vermelho utilizado foi o Vermelho de Cadmio, do Grupo II, n. 312 da marca Acrilex, linha *Acrylic Colors*. O número 346 da mesma marca é o Alizarim Crimson, também usada nas pinturas funcionava como um tom escuro deste vermelho tão vivo. Estas tintas são produzidas no Brasil. São feitas com cores puras, usando os mesmos pigmentos da tinta a óleo e ao serem diluídas em água secam e dão um acabamento semi-brilhante dependendo da quantidade da diluição e do grau de absorção do fundo. De toda forma o acabamento da pintura com o cadmio, foi percebido uma impressão opaca no geral.

O vermelho possui diferentes nomes devido a variação de sua obtenção, que pode vir de um minério, de um vegetal ou até mesmo de um inseto, como a cochonilha. No caso do vermelho de cádmio¹⁰⁹, ele é obtido artificialmente a partir de um sulfosseleneto de cádmio, um pigmento inorgânico. O processo de oxidação que observamos em chapas de metais expostos ao ar, como a cor do aço corten, tão atual nos projetos de arquitetura, mostram o elemento da passagem do tempo nos materiais. A produção desta cor é um processo de degradação que começa com tons laranjas e segue até o marrom mais fechado. Esta exemplificação é semelhante ao processo da cor ligada ao solo e as terras inspiradas para este trabalho são mais jovens e mais vermelhas. Uma tinta utilizada nas pinturas finalizadas à óleo foi o vermelho óxido transparente, que funcionou com uma velatura¹¹⁰ para dar mais profundidade em alguns pontos do quadro. Quanto mais camadas mais escuras a pintura ficará e para ela não ficar “pesada” foram poucas aplicações sutis para acentuar a cor.

Durante minha pesquisa sobre as paisagens das quais fazia pinturas, me baseei no registro fotográfico autoral e me limitei a encontrar uma solução cromática mais adequada para tal. Como a terra de referência era demasiadamente vermelha procurei não fugir dos vermelhos luminosos. Meu encantamento pela cor foi direcionado pelo tema e antes mesmo

¹⁰⁹ Também o realgar, sulfeto de arsênio fornece pigmentos dessa cor.

¹¹⁰ Técnica da pintura que funciona como um véu de cor transparente ou semitransparente.

de iniciar a composição decidi que partiria desta cor para começar a montar a paisagem. Antes da cor vou esclarecer sobre o preparo anterior da tela. Sobre a preparação da tela, antigamente para cobrir a tela nua eram meses de duração para ter uma tela lisa e com superfície adequada para receber a pintura. Hoje é comum o uso de telas já preparadas, com a imprimação de fábrica. Seria um processo primoroso considerando o conceito do tema, porém não fiz esta experiência. Para a organização espacial dos elementos da pintura os formatos escolhidos foram o retangular e o quadrado. Existem então as duas dimensões, tanto pinturas na horizontal quanto na vertical.

Destas telas já previamente preparadas, apliquei uma imprimatura de vermelho. Pinteí várias telas com esta imprimatura já objetivando ter este fundo na série toda. Na maioria deles o fundo foi deixado aparente. Poucas camadas de tinta acrílica e já havia finalizado a pintura. Neste processo percebi que faltava uniformidade, brilho e algo mais que não sabia ainda. Foram algumas pinturas com vermelho em intensidade cromática máxima. A paleta estava elevada sem dessaturados e reduzida em vermelhos nas maiores partes. Este regime de cores que optei por pintar e a maneira como preparei a tela foram minhas escolhas de retratar o solo como ele era e o mais próximo da luminosidade que desejava.

Antes destes trabalhos havia começado alguns com gesso acrílico e usado muito relevo. Nestas não usei e a própria tinta usada em excesso dava esse efeito. Algumas telas ficaram o oposto, com o vermelho da imprimatura aparecendo e poucas camadas. Experimentando o excesso e a falta de carga. Cada material oferece uma potencialidade e cada pintor procura a que melhor se encaixa com seu perfil e necessidade. Ao investigar a técnica e depois a estética, adquiri uma liberdade dentro desta restrição cromática. Presa nos vermelhos tive que manipular as cores e a tinta a favor do meu conceito. A paisagem de solos fala o tempo todo sobre as camadas e percebi que faltava isso e eu poderia trabalhar com ela usando tinta acrílica, mas não seria a mesma coisa do que voltar ao óleo. Os quadros da segunda série são feitos com tinta à óleo e há uma mudança na forma de produzir, mais uma vez condicionada a investigar tema e processos em *atelier*.

Embora as características plásticas da tinta acrílica tenham ficado claras, sua flexibilidade e tempo de secagem e assim por diante, houve no meu processo um retrocesso, que na verdade é um seguimento. A volta para o óleo e a adaptação com as necessidades da técnica. Há uma relação material tátil e sensorial do artista com seus instrumentos físicos da criação. Estes meios carregam uma mensagem e provavelmente com a mudança da tinta haveria perdas, mas também ganhos em profundidade e brilho. Existem recursos que assemelham a produção acrílica com a óleo, mas a pintura por camadas e veladura é um

trabalho mais moroso de observação mais minuciosa, própria do óleo. A progressão da obra se dá num aperfeiçoamento com o tempo.

Assim manter a pintura acrílica primeiro, só na primeira camada, mais magra antes e vir depois com óleo por cima para veladuras e empastamentos, traçando um paralelo com os perfis do solo, composto por camadas. As camadas do solo têm características próprias e foram criadas pelo efeito do tempo. A técnica empregada na produção da pintura serve como metáfora para o tema do trabalho, uma vez que para chegar ao resultado adequado há necessidade de aplicar várias camadas de tinta e aguardar o tempo de secagem. As últimas três pinturas no tópico da análise das obras mostram um antes e depois de camada de médium a óleo, utilizando uma camada de veladura, subindo um tom mais quente.

A subjetividade é uma forma única de comunicação. Um lugar comum que apareceu durante estas experiências visuais foi o abandono da necessidade de representação da paisagem tal como ela é e abordagem num campo impreciso que separa imagem do discurso. A realização deste trabalho final de pinturas é na verdade uma exposição de uma trajetória, ainda inicial de um pensamento dentro das propostas levantadas e cada adequação de técnica e material responde como processo que caminhou por muitas etapas. As etapas da criação envolveram a própria criação, mas também os acasos do desenvolvimento pictórico, essencial a pintura. Sobre os desenhos e prévias de pintura, como os estudos lineares e análises cromáticas preliminares, são de fato ausentes no andamento desde o começo. Depois, nas pinturas finais em mini *krafts* eles voltam, como possíveis futuros trabalhos em maiores dimensões.

ANÁLISE DAS OBRAS

A primeira série de quadros foi inspirada nas terras de Pirenópolis-Goiás, região rica em extração de pedras e minerais, e cidade dos meus avós. São retratados alguns lugares de uma chácara que morei por um tempo na infância e que revisito com frequência. As pinturas retratam a entrada do lugar, as estradas inalteradas pelo tempo e dos barrancos erodidos e cada dia reduzidos pela ação da chuva. É uma terra bem vermelha e cheia de rochas e nas últimas décadas um local mais utilizada para pastagem do que para plantio. Portanto um local de afetividade e contato com a natureza. Neste lugar quando criança tinha minha mochila de

pedras como o rutilo¹¹¹, a pirita, também conhecida como “ouro-de-tolo” e minha coleção de terras cintilantes, que eram quartzos. Destas memórias vem o interesse pela paisagem.

Aproveitando algumas viagens, comecei também a me interessar por pintar as fotografias que tirava vistas pela janela do carro. Muitas ficavam desfocadas, algumas só em alguns lugares e eu apreciava o efeito. A maioria das fotos eram de morros, montanhas sempre com alguma cor vibrante de vermelhos, laranjas e ocres, terras de barrancos e árvores sinuosas, secas ou isoladas. Havia também muita foto de nuvem, mas pouco a pouco as terras foram subindo no enquadramento a ponto de ocupar mais espaço do que os céus, que costumava se fazer maior do que a porção de terra. A pintura de paisagem “Passagem” foi a primeira dessa leva e tem aquele céu enorme e uma terra desmatada, vista pela janela do carro, feita com tinta óleo e cera de abelha para dar volume uma vez que é um quadro muito grande. “Debaixo do céu” foi uma releitura da mesma foto feita em tamanho menor. Dentro deste olhar a sequência das obras foram “Da janela do carro” e “Da janela do carro 2” seguidas de “Terras do caminho”, “Terras do Conde” e “Terras do Conde 2” e “Condomínios”, “Mais Condomínios”, “Queimada e Erosão”, “Morro Pelado”, “Paisagens de Minas 1” e “Paisagens de Minas 2”. “Clube Aquático em Foz do Iguaçu” só difere por ser uma visão aérea, com olhar mais de mapa do que de paisagem com horizonte.

Este grupo de paisagens do caminho mostram os efeitos da perturbação humana, com erosões em morros e encostas chamam minha atenção na paisagem. A descaracterização da superfície terrestre como um defeito na forma. Alguns destes trabalhos foram realizados em ficha kraft datadas com a abreviação de um ou dois meses ou ordem alfabética, como uma referência do tempo em paralelo com o conceito trabalhado, uma contagem de eventos registrados na formação e descaracterização da Terra.

Estas pinturas das janelas do carro portanto são de minha autoria, porém outros trabalhos foram inspirados em fotografias disponíveis pelas pesquisas da internet. São eles: “Paisagem Natural”, “Erosões Brasileiras”, “Voçorocas”, “Acidente Ambiental”, “Resiliência” e “Terras”. As montanhas são moldadas e reduzidas pelas erosões e este processo natural reduz as montanhas e com o passar do tempo outras são formadas com movimentações subterrâneas. Isso é um processo longo pelos anos da história e a aceleração como temos perdido camadas superficiais da Terra assusta pela perda visual e material.

¹¹¹ O nome rutilo é derivado do latim *rutilus*, vermelho, em referência a cor vermelha profunda encontrada em alguns espécimes quando vistos sob a luz. WIKIPÉDIA Enciclopédia Livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rutilo>. Acesso em: 19/02/2022.

A pintura “Cicatrices da Terra”, “Caminho”, “Amanhã” e “Terceira Lei” são parte de composições baseadas na imaginação. Na primeira pensei em uma montanha num luar com cicatrizes e fiz apenas criando sem referências de fotos ou sem ter visto aquela cena. O “Caminho” provavelmente é parte de alguma paisagem já vista, com um campo arado na metade dele e o restante sem atividade agrícola. “Amanhã” foi uma fruição de cores conduzida pela luminosidade do sol, revelando as cores da terra. Em “A terceira Lei” é feito um *sgraffito* em cima de uma pintura de paisagem. A camada de baixo era luminosa e foi coberta por tons escuros, o arranhado trouxe algumas linhas claras na vertical, valorizando o sentido das erosões e perdas do solo ou mudanças na paisagem. Os recortes de memória modificados pela livre iniciativa de fugir do concreto, mas inevitavelmente alguma referência há, uma cena já vista parecida ativada pela lembrança.

RELACAO CROMÁTICA DO SOLO

Existe uma nomenclatura que classifica a cor do solo. Inclusive usam palavras que são bastante do meio da pintura para ordenar as cores. O “matiz”, por exemplo diz respeito a cor pura, descrita entre vermelho (R) e amarelo (Y). O “valor” é a proporção das cores branco e preto no solo e a “croma” é a proporção da mistura das cores fundamentais, com tonalidade cinza, com variação de 0 a 10. Portanto matiz, valor e croma são os três elementos das características das cores do solo. Como vimos na parte teórica a cor do solo indica a qualidade do solo. Na região de Taubaté -SP coletei muitas terras de matizes de baixa frequência, vermelhos que indicam condições de oxidação, o que quer dizer que são solos bem drenados, tons mais puros com indicação de solo fértil¹¹². A terra vermelha quer dizer que ela tem presença de óxidos minerais, como o ferro que é muito bom para cultivo.

Normalmente uma terra com bastante nutrientes tem muita cor. Um exemplo curioso que envolve cor e solo é como ele é conhecido nas regiões de Minas Gerais, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, como “Terra Roxa” que apresenta excelente fertilidade. Este nome vem da influência italiana por chamar o solo de “Rosso” que no seu idioma significa vermelho. A forte coloração vermelha ficou popularizada de roxa e não é comum ver solo violetado, mas os vermelhos sim. Se a terra é mais rosada ou desbotada ela foi mais lavada

¹¹²Ela apresenta alta fertilidade e por isso é a mais cara do Brasil, podendo valer até R\$ 40 mil o hectare. Conheça as características da Terra Roxa ou Terra Vermelha. In Canal Rural. 2014. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/noticias/conheca-caracteristicas-terra-roxa-terra-vermelha-53932/> Acesso em: 19/02/2022.

pelas chuvas. Outra informação de cor é em relação a origem. Assim, quanto mais escuro mais matéria orgânica possui, quanto mais vermelha, mais óxidos e quanto mais pálida mais lavada foi.

A partir desta descoberta da ligação das cores de terra com a qualidade do solo fui atrás de erosões e lugares com acesso a camadas de solo, como ravinas ou barrancos para uma pesquisa de campo. Vi perfis de solo formados com camadas profundas de uma cor só e outros horizontes com duas ou três cores. A variação de cor muda de região para região, mas pelo menos duas cores de solo são observadas em qualquer perfil exposto visto tanto na cidade no campo. Observei terras verdes e alguns rosas e um amarelo, além dos vermelhos de matiz puro e com valores diferentes. O amarelo foi numa cratera que se abriu acidentalmente dentro da cidade, onde um antigo curso de rio passava. Fui até lá e coletei um pouco. Quando observamos as erosões em loco e não através de fotografias, a cor é muito determinante. Nos trabalhos que são apresentados há uma relação forte com a cor até mesmo em detrimento da forma.

No capítulo 5, cito o artista contemporâneo Kôichi Kurita, criador da biblioteca de terras, aqui me faço da pesquisa dele para refletir sobre as cores e papel do solo. Como ele diz, a terra como um espelho para o mundo. Fiz a coleta de terras e armazenei em vidros assim como as utilizei em experimentos, com a terra já peneirada adicionada a tinta acrílica, ganhando carga na tinta. Com esta inspiração tive desejo de criar trabalhos em têmpera a ovo. ou criar uma tinta com estes pigmentos. Observei a experiência de outros artistas¹¹³ e é preciso refinar o grão muitas vezes para dar o efeito que eu desejava, caso contrário granularia na tela. Será um processo continuado de pesquisa, tanto a coleta quanto a tentativa de fazer as tintas¹¹⁴. Conheci um trabalho de feitura de giz de cera¹¹⁵ de terra, mas necessitava de um molde de alumínio específico e ficou para depois.

¹¹³ Muitos artistas se utilizam dos pigmentos da terra para realizar seus trabalhos. Uma artista local de Goiás, Goiândira do Coutro dispunha de 551 tonalidades de cores diferentes de cores naturais. Ela pintava as paisagens da antiga capital, Cidade de Goiás.

¹¹⁴ No Portal da Embrapa há um modo de fazer tinta com uso de terra, voltado para o público infantil, utilizando a terra, água, cola, uma peneira, papel e pincel. Contando Ciência na Web. Solos. In Embrapa Solos. Brasil. 2022. Disponível em: https://www.embrapa.br/contando-ciencia/solos/-/asset_publisher/1ZCT5VQ5Hj1S/content/pintando-com-tinta-de-solo/1355746?inheritRedirect=false&redirect=https%3A%2F%2Fwww.embrapa.br%2Fcontando-ciencia%2Fsolos%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_1ZCT5VQ5Hj1S%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-3%26p_p_col_pos%3D1%26p_p_col_count%3D3

¹¹⁵Erde Wachs Stift – Benno Brucksch. 2018. 1 vídeo (3 min). *Crayons out of soil*. Disponível em: <https://vimeo.com/230148708>. Acesso em: 21 fev. 2022. Mais informações em: SOIL PAINTING. Kirsten Kurtz. Nova York. 2020. Disponível em: https://soilpainting.com/KIRSTEN_KURTZ. Acesso em: 21/02/2022.

Pensei muito na visão da terra como provedora de todo sustento fundamental, o principal meio de subsistência de um povo. Inclusive ligada a esta ideia de uma grande mãe como nos de Hogue que introduz em algumas obras o corpo feminino moldado nas fendas e erosões da terra, a fertilidade do mundo está no solo. Já com O'Keefe, conferi que a ideia está mais ligada a sacralidade do feminino, a natureza e o corpo da mulher. Falar de paisagem pode render mais assuntos do que simplesmente tratar de temas mais óbvios e utilitários da terra. Pode-se contar muito de si e da história de um grupo de pessoas em um determinado tempo.

No meu olhar sobre a paisagem ainda que superficial, sou levada a crer que ganhei algum entendimento, porém ao investigar minha linguagem descobri uma construção ainda rudimentar. Minhas pesquisas do início até então mudaram muito, tanto na percepção da paisagem quanto na escolha das cores. Antes mais quentes e saturadas e seguiram depois outros tons que se desdobraram e reduziram os vermelhos e amarelos em geral.

O meio ambiente naturalmente é responsável pelo desnudamento da superfície da terra alternando as feições morfológicas da paisagem. A alteração da paisagem pelo uso do solo adequado ou não provoca marcas. As erosões são as feridas na terra que evidenciam a nossa dinâmica com o ambiente. A essência da terra está em cores. O marrom da terra está ligado a um chão misturado e me interessa enxergar as cores mais puras, os elementos originários e entender a paisagem e o que ela revela hoje. A pintura é uma aproximação de questões de importância para a humanidade. Da mesma maneira que a natureza evolui e sofre mudanças, como as transformações do clima e o solo, a ver pelas erosões crescentes que destacamos, há aqui uma ampla e primordial discussão sobre o papel da paisagem contemporânea.

O deslocamento mobilizou o olhar para um entorno imediato de um espaço na qual as formas e os elementos da paisagem seguem em direção aos bastidores do contexto ecológico contemporâneo. As imagens trouxeram elementos fundamentais de paisagem e a construção pictórica cresce com interesse no caráter negligenciado da degradação do solo. A retirada é um assunto simultâneo à sobreposição de camadas. Na primeira a evidência do desflorestar, desnudamento do solo por erosão, que é o caso do foco das imagens. Na seguinte a composição do solo realizada por camada sob camada de produção lenta pelo fazer do tempo.

Pensando esta questão do tempo na linguagem pictórica percebo que há um paralelo do pensamento da paisagem e os materiais e técnicas utilizados. No processo de uma pintura, cada técnica tem suas características visuais e existem vantagens técnicas. A construção da

pintura, por exemplo, com utilização de tinta acrílica se dá de uma maneira acelerada. Pode-se sobrepor infinitamente camadas sobre camadas com velocidade e se preferir subtrair a cor anterior pode recomeçar outra pintura sem ter que esperar secar por dias a camada debaixo. O elemento que não pode ser ignorado pelo artista, assim como as técnicas e os materiais é a cor. A cor determina a dinâmica do quadro. As gradações escolhidas pela paleta do artista, podem ser mais fortes ou mais suaves. E se tratando de uma paleta inspirada no solo, a própria temperatura da cor escolhida e a duração e a sua ocorrência na pintura são condicionadas ao conhecimento dele.

Nas pinturas inspiradas em erosões tem em sua maioria uma temperatura da cor que diz respeito a uma espécie de cor cuja luz do dia seria próxima a do meio-dia. Dá uma sensação de amplitude no ambiente. Mas também dá uma impressão de um certo stress visual pelo excesso de vermelhos, possivelmente provoca uma fadiga visual. Não é desejável observar a tela por muito tempo, o mesmo não acontece em pinturas como “Pasto e árvore caída”, que tem mais passagens de tons entre análogas. Quão mais intensas, mais cromáticas as cores, mais atraem nosso olhar. Em casos de contrastes mais intensos entre as cores primárias e as secundárias também. Algumas pinturas há uma ponte entre duas intensas, azul e vermelho, se encontram pela estabilidade das primárias. Em algumas obras não há uma boa passagem visual entre as cores.

As cores não podem ser vistas individualmente, são analisadas dentro de um contexto visual. Devem ser contextualizadas, porque dependendo como no caso das cores quentes, elas têm a tendência de se aproximar do espectador. Elas avançam para frente e a cor ao lado pode produzir um impacto bem empregado e harmônico ou determinada sensação como a vivacidade. Ou podem somente passar uma tensão. No livro “As cartas para Theo”, Van Gogh afirma que as cores podem parecer mais apagadas ou mais brilhantes ou frias dependendo do que se tem ao lado.¹¹⁶ Nas paisagens apresentadas, muitas telas há o emprego do azul e do vermelho. O azul agrega o significado da distância em relação ao vermelho, que aproxima, isto reforça a perspectiva paisagística.

Com o entendimento de paisagem como uma elaboração mental percebida diferentemente de acordo com cada cultura, cada construção pictórica deste gênero tem sua história e particularidade. Se constrói por um conjunto de ideias, sensações e sentimentos criados a partir de um lugar. Os elementos deste local constituem a paisagem, mas não são a

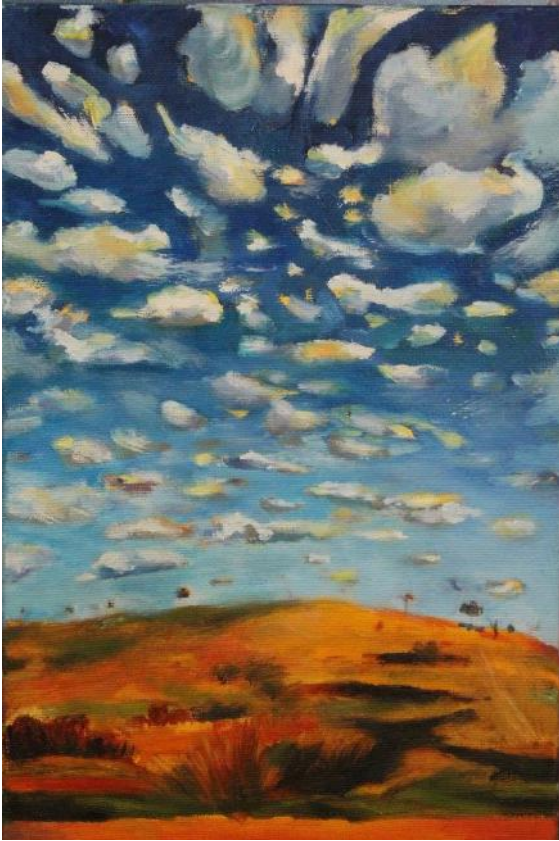
¹¹⁶VAN GOGH. *Cartas a Théo*. São Paulo/Porto Alegre: L&PM, 1986.L&PM POCKET. Tradução de Pierre Ruprecht. 1986. P. 151.

paisagem. O que é visto na paisagem além do que se contempla com os olhos? A sensibilidade nesta busca, dos lugares com problemas de erosão como proposta e sua execução pictórica estava anelada ao real entendimento do tema. A relação cromática do solo foi um desafio dentro deste propósito de percepção visual. O problema da não regeneração automática desta perda de solo pretendia também ser descrito com uma boa utilização das cores na construção das obras.

PRIMEIRAS TELAS DE TERRA



DUARTE, Tábata. *Da Janela do Carro 1 – RJ-SP*, acrílica sobre tela, 20 x 30cm. 2018.



DUARTE, Tábita. *Da janela do carro 2 RJ-SP*, acrílica sobre tela, 20 x 30 cm, 2018.



1



2

1. DUARTE, Tábita. *Direita da estrada*. Acrílico sobre tela, 10x 15cm, 2018.

2. DUARTE, Tábita. *Esquerda da estrada*. Acrílico sobre tela, 10 x 15cm, 2018.



DUARTE, Tábita. *Curva do trevo*. Acrílica sobre tela, 40 x 30 cm, 2018.



DUARTE, Tábita. *Entrada do trevo*. Acrílica sobre tela, 60 x 40 cm, 2018.



DUARTE, Tábita. *Terras do caminho*. Acrílica sobre tela, 40 x 60 cm, 2018.



DUARTE, Tábita. *Antes do mata-burro*. Acrílica sobre tela, 40 x 60 cm, 2018.



DUARTE, Tábita. *Terras do Conde*. Acrílica sobre tela, 100 x 100 cm, 2019



DUARTE, Tábita. *Passagem*. Óleo e cera de abelha sobre tela, 99 x 149 cm, 2018.



DUARTE, Tábita. *Pasto e árvore caída*. Acrílica sobre tela, 30 x 40 cm, 2018



DUARTE, Tábita. *Paisagem natural*. Óleo sobre tela, 30 x 40 cm, 2019.



DUARTE, Tábita. *Depois do curral*, 30 x 40 cm, 2019.

SEGUNDAS TELAS DE TERRA

DUARTE, Tábita. *Terras do conde 2*. Óleo sobre tela, 40 x 50 cm, 2021.



DUARTE, Tábita. *Mais condomínios*. Acrílica e terra sobre tela, 18 x 24 cm, 2021.



DUARTE, Tábita. *Terras*. Óleo sobre tela, 20 x 40 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Condomínios*. Acrílica sobre tela, 50 x 40 cm, 2021.



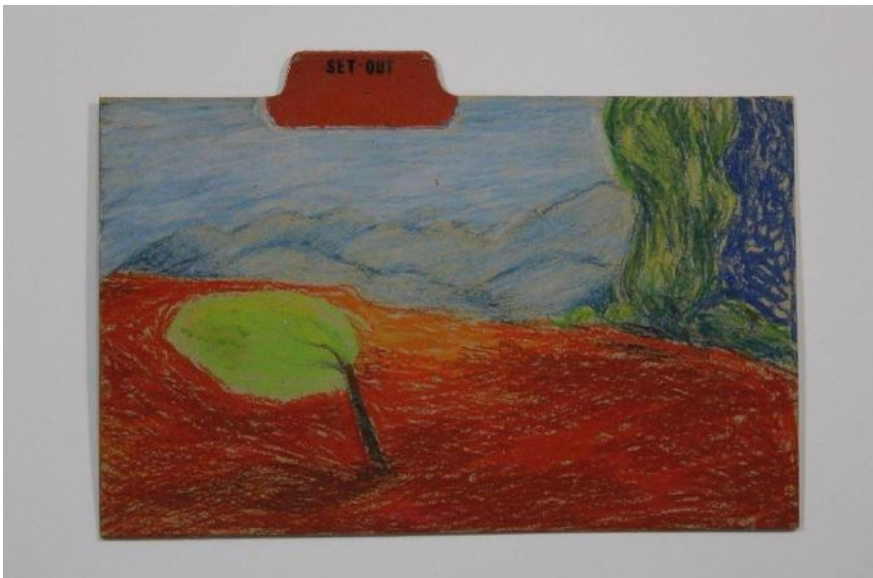
DUARTE, Tábita. *Erosões brasileiras*. Acrílica sobre tela, 22 x 16 cm, 2021.



DUARTE, Tábita. *Cicatrices da Terra*. Óleo sobre tela, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Profundeza*. Óleo sobre tela, 30 x 40 cm, 2021.



DUARTE, Tábita. *Paisagens de Minas*. Giz oleoso sobre ficha kraft, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Clube aquático em Foz do Iguaçu*. Giz oleoso sobre ficha kraft, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Paisagens de Minas 2*. Giz oleoso sobre ficha kraft, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Voçorocas*. Guache sobre ficha kraft, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Resiliência*. Guache sobre ficha kraft, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Morro pelado*. Guache sobre ficha kraft, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Acidente Ambiental*. Guache sobre ficha kraft, 21x 29,5, 2022.



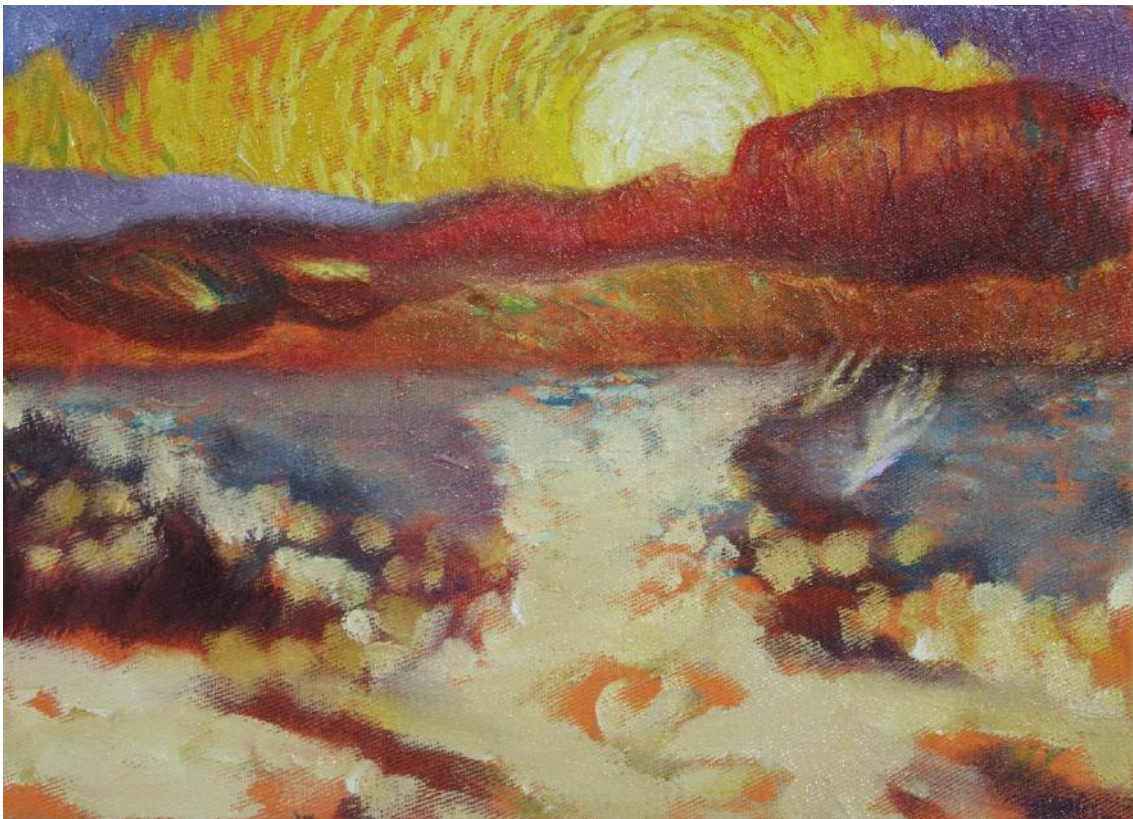
DUARTE, Tábita. *Caminho*. Acrílica sobre tela, 60 x 100 cm, 2021.



DUARTE, Tábita. *Queimada e Erosão*. Acrílico sobre tela, 20 x 40cm, 2021.



DUARTE, Tábita. *Debaixo do céu*. Óleo sobre tela, 18 x 24 cm, 2021.



DUARTE, Tábita. *Amanhã*. Óleo sobre tela, 16 x 22 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Perto e longe*. Óleo sobre tela, 20 X 40 cm, 2022.

EXEMPLO DE ANTES E DEPOIS COM APLICAÇÃO DE VELADURA



DUARTE, Tábita. *Caminho vermelho*. Óleo sobre tela, 40 X 50 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Terra de fogo*. Óleo sobre tela, 40 X 30 cm, 2022.



DUARTE, Tábita. *Goyazes*. Óleo sobre tela, 20 X 40 cm, 2022.

PROCESSOS



Imprimatura vermelhas e alaranjada.



Queimada em vermelho





Produção pré pandemia, Pamplonã. Escola de Belas Artes.



Conjunto de telas que começaram com imprimatura vermelha.

7 CONCLUSÃO

As erosões do solo foram os cenários de maior interesse nesta investigação teórica e pictórica. O tema parte deste estímulo visual, conduzido pela atenção às rápidas alterações climáticas, próprias da época do Antropoceno, justificou seu argumento levando em conta a grande importância do solo para a subsistência humana. Esta análise teve por objetivo estudar sobre a paisagem, o solo e a relação da arte entre ambos. O resultado desta pesquisa foi demonstrado pela investida na produção pictórica, dada pela apresentação do processo percorrido das experiências das pinturas. Embora a busca tenha alcançado boa parte de seus objetivos no que tange a adquirir conhecimento e experiência, mas há um oceano de estudos a serem realizados para absorver este tema em questão.

Testemunhamos, instigado pelas paisagens de erosão, o entrelace entre pintura, cultura e paisagem. A interação entre a humanidade e a natureza dá origem e modifica as relações culturais, influencia a pintura e molda a paisagem. A paisagem contemporânea é fundamentalmente um horizonte que se abre e envolve cada um desses agentes. A subjetividade do artista interpreta o mundo e é atravessado pela paisagem, constrói pensamentos. Através da arte temos reflexões, sensações e acessamos sentimentos criados a partir de vivências.

A paisagem é pertencimento e território e mais do que isso, é evidência de um constructo coletivo. Testemunhamos os problemas da perda do solo como uma parte da crise ecológica. Como se Terra estivesse em uma espécie de mutação, assim como o aumento do nível do mar, o derretimento das geleiras, a acidificação dos oceanos, a erosão do solo está entre uma destas sérias alterações, no qual os seres humanos são considerados agentes geológicos. Exercem forças de alteração da superfície terrestre, junto com os fenômenos naturais. Nossa geração está nadando como numa “lagoa de lágrimas” ecológica. “Seria melhor não ter chorado tanto”, frase da curiosa personagem Alice. Mas qual comportamento nos afastaria do lamento, condicionaria o pensamento crítico pró solo? Questionando a própria paisagem com auxílio da arte, seria um bom começo e conscientização, podemos com este estudo, constatar isso.

Os cenários abertos nestes estudos foram provocados pela pintura e se utiliza desta linguagem análoga entre o debilitamento da terra e sua acelerada mobilidade. As camadas cromáticas indiretamente com finas contribuições, estratos semelhantes a composição da terra. A questão da velocidade da degradação se articula com o gestual inacabado da pintura. A produção pictórica apresentada se propôs a articular o tema apresentado com o conceito da

paisagem contemporânea e o clima do nosso tempo. A perda constante das estruturas basilares de vida.

Os desafios do planeta têm crescido assim como as tensões diplomáticas entre os países. Falamos muito sobre paisagem e território, os conceitos e origem de cada palavra e como cada cultura se relaciona com seu chão, como posse, como bem, como a própria natureza. A Terra trás impasses de interesses e hoje observamos um jogo geopolítico de uma eminente guerra. Neste contexto da preocupação internacional por segurança, disputas territoriais e soberania de estado, há um questionamento válido a ser feito. O que este cenário acarretaria para as questões climáticas mundiais? Cada época e movimento cultural se desenrola a partir de mudanças que ocorrem na estrutura social e econômica. Como fica a arte diante desta novas problemáticas?

Nessa rede de trajetórias entre os seres vivos, Bruno Latour¹¹⁷ afirma que os viventes que somos, que se proclamam humanos, são pessoas feitas de terra, de húmus, de lama e de cinzas, encontram-se emaranhados. Esta conexão que o antropólogo evidencia é parte de um posicionamento em favor de melhores condições de vida habitável neste planeta. Faz lembrar a singela fábula de Maurice Druon, “O menino do dedo verde”¹¹⁸ que poeticamente trás considerações de alta importância, que inclui o indivíduo num jogo invisível de tocar e fazer o verde surgir. Falar em ecologia é relacionar conceitos de convívio social, ética e cidadania. A oportunidade deste trabalho fez-se unir a outros campos de estudo, as ciências e a arte para discutir uma questão contingencial e sociológica do mundo. Degradação do solo e educação, paisagem e arte.

A natureza é fonte de recursos a explorar e um espaço a se proteger. Os conflitos da Terra são próprios da dinâmica dos seres envolvidos. Faz pouco tempo a humanidade conheceu a imagem do planeta azul, a conhecida “*Earthrise*”¹¹⁹, fotografia do planeta Terra, retirada do espaço. A visão dos habitantes sobre si mesmos e seu espaço são assim como a tendência da humanidade em procurar fora daqui possibilidades de vida, explorar um novo terreno, uma nova paisagem. E certamente 2022 será uma época movimentada para a exploração espacial. Estamos fartos e estamos abandonando, uso e degradação da natureza.

Dentro de uma longa série de acontecimentos históricos, aleatórios ou não, que levou tanto tempo para se formar e do qual dependemos para existir, fecho este trabalho com a

¹¹⁷ LATOUR, Bruno. Diante de Gaia. Oito Conferências sobre a natureza no Antropoceno. Ubo Editora/ Ateliê de Humanidades Editorial. 2020. P. 381.

¹¹⁸ DRUON, Maurice. O menino do dedo verde. 88. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

¹¹⁹ Disponível em: https://www.nasa.gov/multimedia/imagegallery/image_feature_1249.html. Acesso em: 23/02/2022.

certeza de que a vida dos seres vivos se esvazia de um segundo para outro e confirma a fragilidade da existência. Assim como as estruturas em que vivemos, o solo morada, o solo provedor e palco dos acontecimentos da humanidade, há enorme fragilidade e impotência em tudo. Diante das mais diversas modificações entre as interações entre os agentes que desejam a sua própria sobrevivência, mas não respeitam alguns princípios básicos da coexistência humana. A Terra deveria ser considerada uma paisagem global, um território em sua totalidade.

Para deixar o ponto final em cores, mais especificamente um “Vermelho em brasa”, encerro o texto com a nomenclatura vinda da origem do nome Brasil. A cor da tinta extraída do pau-Brasil, o tom vermelho-alaranjado que lembra ferrugem e brasas de fogo. Esta cor pediu muito espaço nas telas apresentadas, entrou antes da composição, reinou nas pinceladas acrílicas e a óleo, do mesmo tom do urucum dos nossos indígenas. Não somente de verde e amarelo compreendo hoje a nossa identidade, mas com muito vermelho, parte da nossa construção cultural.

REFERÊNCIAS

AGENDA 21: *Programa de acção para o desenvolvimento sustentável*: Declaração do Rio sobre ambiente e desenvolvimento. Rio de Janeiro, 3 a 14 de jun. 1992. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/a21_florestas.pdf. Acesso em: 21 dez. 2021.

A Gift to the Future: Tree Mountain by Agnes Denes. [s.l.], [s.d.]. 1 video (4 min). Publicado pelo canal The Shed. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nmVFGwNeWcc>. Acesso em: 26/12/2021.

ANTROPOCENO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antropoceno>. Acesso em:

BERQUE, Augustin (Org). *Cinq propositions pour unethéorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994. In: TERRA, 2019, p. 200.

BESSE, J. M. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução Vladimir Bartalini. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BSSS – The british society of soil science. *Junte-se ao movimento para ficar #grounded*. [s.d.]. Disponível em: <https://soils.org.uk/grounded>. Acesso em: 03 jan. 2022.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CETESB - Companhia Ambiental do Estado de São Paulo. *Propriedades do Solo*. São Paulo, c2021. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/solo/propriedades/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

CLAVAL, P. *A evolução recente da geografia cultural de língua francesa*. Geosul, Florianópolis, v.18, n. 35, p 10, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/13599/12466/0#:~:text=Os%20homens%20imp%C3%B5em%20%C3%A0%20paisagem,de%20uma%20gera%C3%A7%C3%A3o%20a%20outra>. Acesso em 21 dez. 2021.

CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM. European Landscape Convention. APAP n. 06. Portugal: Impressão Jorge Fernandes, Lda – Artes Gráficas, nov. 2010 a maio 2011. Disponível em: <http://apap.pt/wp-content/uploads/2017/09/AP-06-MAIO-2011.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2021. E disponível no original em inglês: <https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list?module=treaty-detail&treaty-num=176>. Acesso em 19 dez. 2021.

CORONA, M. As paisagens de Thiana Sehn: experiência, distâncias e deslocamentos. *Estúdio*, Lisboa, vol. 10, n. 26, abr. – jun. 2019. Disponível em: <https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582019000200002?script=sci_arttext&pid=S1647-61582019000200002>. Acesso em: 19 dez. 2021.

CCHOTELS - Christiane Chabes Turismo. Occitanie, torres e muralhas de aigues-mortes. 2019. Disponível em: <https://cchotels.com.br/occitanie-torres-e-muralhas-de-aigues-mortes/>. Acesso em: 26 dez. 2021.

DE LUCA, V. G.; SANTIAGO, A. G. *Avaliação do caráter da paisagem: abordagens europeias*. Paisagem e ambiente: ensaios, São Paulo, 2015, n. 36. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/97437/109827>>. Acesso em 19 dez. 2021.

ERDE Wachs Stift – Benno Brucksch. 2018. 1 vídeo (3 min). Crayons out of soil. Disponível em: <https://vimeo.com/230148708>. Acesso em: 21 fev. 2022.

FRANCIS D. Hole. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*, 2021. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Francis_D._Hole. Acesso em: 23 dez. 2021.

GOGH, Vincent van. *Cartas a Théo*. São Paulo/Porto Alegre: L&PM, 1986.L&PM POCKET. Tradução de Pierre Ruprecht. 1986. P. 151.

GOGH, Vincent van; FOLHA DE S. PAULO. Van Gogh. Barueri, SP: Editorial Sol 90, 2007. 96 p. Coleção Folha grandes mestres da pintura.

HARTVIGSEN, A. K. *The Terrifying and the Beautiful: Na Ecocritical Approach to Alexandre Hogue's Erosion Series*. 2015. Disponível em: <<https://scholarsarchive.byu.edu/etd/5695>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

JACKIE Brookner. Of Earth and cotton. Disponível em: <http://jackiebrookner.com/project/of-earth-and-cotton/>. Acesso em: 26 dez.2021.

KEN Van Rees. Disponível em: <https://www.kenvanrees.com/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

KÔICHI Kurita Web Site. Soillibrary I, Information, In: Kôichi Kurita, Soillog, Japão, 2014. Disponível em: <https://soillog.exblog.jp/>. Acesso em: 26 dez. 2021.

KURTZ, Kirsten. Pintura de solo. Lar. [S.1 ; s.d .]. Disponível em: <<https://soilpainting.com/>>. Acesso em: 21/02/2022.

LAGO de Constança. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lago_de_Constan%C3%A7a>. Acesso em: 04 jan. 2022.

LAGE, L. B. Paisagem como ligação entre a conservação do patrimônio e o planejamento territorial: ‘conservation through development’. 2018. 473 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MMMD-B7JKQU/1/tese_laura.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

LANDSCAPE. Collins Dictionary, 2021. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/landscape>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

LARA Almarcegui. Disponível em: <<https://www.mor-charpentier.com/artist/lara-almarcegui/>>. Acesso em: 28 dez. /2021.

MADERUELO, J. R. *El paisaje. Génesis de un concepto*. 2ª edición. Madri: Abada Editores, 2006.

MADERUELO, J. R. *El paisaje. Génesis de un concepto*. Madri: Abada Editores, 2013.

MARGARET Boozer. 2021. Disponível em: <http://www.margaretboozer.com/portfolio/2021-wild-spirit-wild-spirit-studies-available/>. Acesso: 26 dez. 2021.

MAXIMILIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito e paisagem. R. RAÉ GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91. Em: *Arte e Ciência: História e Resiliência da Paisagem*. Antônio José Teixeira Guerra; Raphael David dos Santos Filho e Carlos Gonçalves Terra (Org). Rio de Janeiro: Rio Books. 2019. Pág. 200.

MAYER, Ralph. *Manual do Artista, De técnicas e Manuais*. Tradução Christine Martins Nazareth. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MENDES, H. G. *Acerca da paisagem*. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 6, n. 11, ano 6, p. 40, julho de 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/download/62798/38070>>. Acesso em: 25 dez. 2021.

NARANJO, F. Z. *El paisaje un concepto útil para relacionar estética, ética y política*. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Universidad de Barcelona. vol. XVI, n. 407, 10 jul. 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-407.htm#_edn24>. Acesso em: 19 dez. 2021.

OREJAS, A. *Arqueología del Paisaje: Historia, Problemas y Perspectivas*. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/001804796610cf2c97dbc>>. In: AEspA. 64, 1991, p. 195. Acesso em: 19 dez. 2021.

PEREIRA, M. G. et al. *Formação e caracterização de solos*. In: TULLIO, L. (Org.). *Formação, classificação e cartografia dos solos*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. cap. 1, p. 1-20. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1112549>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

PONNAU, Dominique. *Figuras de Deus a Bíblia na arte*. Tradução João Moura Júnior. São Paulo: Unesp, 1937.

PORTAL das Nações Unidas. A cada 5 segundos, mundo perde quantidade de solo equivalente a um campo de futebol. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/12/1696801>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

PORTAL Dom Total. 2012. *Brasil tem o equivalente a duas França em áreas degradadas, diz MMA*. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/475920/2012/07/brasil-tem-o-equivalente-a-duas-franaas-em-areas-degradadas-diz-mma/>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

PORTAL Embrapa, [s.d.]. *Como são formados os solos?* Disponível em: <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/solos/-/asset_publisher/1ZCT5VQ5Hj1S/content/pintando-com-tinta-de-solo/1355746?inheritRedirect=false&redirect=https%3A%2F%2Fwww.embrapa.br%2Fcontando-ciencia%2Fsolos%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_1ZCT5VQ5Hj1S%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-3%26p_p_col_pos%3D1%26p_p_col_count%3D3> Acesso em: 20 dez 2021.

PORTAL Embrapa. *Os solos do Brasil*. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/tema-solos-brasileiros/solos-do-brasil>> Acesso em: 22 dez 2021.

PORTAL Embrapa. [s.d.]. *Solos*. Disponível em: <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/solos/-/asset_publisher/1ZCT5VQ5Hj1S/content/o-que-e-e-como-se-forma-o-solo-/1355746?inheritRedirect=false>. Acesso em: 22 dez 2021.

PORTAL – FAO SOILS. *Key definitions*. c2021. Disponível em: <<https://www.fao.org/soils-portal/about/all-definitions/en/>>. Acesso em: 22 dez 2021.

PORTAL São Francisco. [s.d.]. *Tipos de solo*. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/meio-ambiente/tipos-de-solo#:~:text=Solos%20arenosos,-Os%20solos%20arenosos&text=T%C3%AAm%20boa%20aera%C3%A7%C3%A3o%2C%20pelo%20que,h%C3%A1%20que%20irrig%C3%A1%2Dlo%20frequentemente>>. Acesso em: 25 dez. 2021.

SARAH Hirneisen. *Explorações do solo*. 2020. Disponível em: <https://www.sarahhirneisen.com/artwork/soil>. Acesso em: 26 dez. 2021.

SANTOS, D. *De volta às discussões sobre o significado de paisagem e outras avenças*. Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 12, n. 2, p. 39-52, ago/2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/download/55830/26569/233647>>. Acesso em: 25 dez. 2021.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997. In *Arte e Ciência: História e Resiliência da Paisagem*. Antônio José Teixeira Guerra, Raphael David dos Santos Filho e Carlos Gonçalves Terra. Em: *Arte e Ciência: História e Resiliência da Paisagem*. Antônio José Teixeira Guerra; Raphael David dos Santos Filho e Carlos Gonçalves Terra (Org). Rio de Janeiro: Rio Books. 2019. Pág. 200.

TERRA, C. G. (Org); GUERRA, A. J. T.; SANTOS FILHO, R. D. *Arte e Ciência: História e Resiliência da Paisagem*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

TERRA, C. G. *O Experimentado e o Imaginado: os registros culturais manifestados na paisagem*. In: XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: História da Arte em Transe (Anais), Salvador - BA, 8-12 de outubro de 2017. p. 276. Disponível em: <<http://www.cbha.art.br/coliquios/2017/anais/pdfs/Carlos%20Goncalves%20Terra.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

URBAN SOIL INSTITUTE. Disponível em: <<https://urbansoils.org/new-york-city-soils-survey>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

WALTHER, Ingo F.; METZGER, Rainer. *Vincent Van Gogh: Obra Completa de Pintura*. Tradução Cristina Rodrigues e Artur Guerra. Koln: Taschen, 2 Vol. 1996.

YAMINA Pressler. Disponível em: <<https://yaminapressler.com>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

APÊNDICE

Exposição Individual



TERRA NUA

eba ESCOLA DE
BELAS ARTES

TÁBITA DUARTE 2022



Terras Nua

Terra Nua é uma exposição apresentada pela artista Tábita Duarte a qual representa o fim de um processo de descobertas e amadurecimento durante seu percurso no curso de pintura da Escola de Belas Artes.

Os trabalhos aqui reunidos são uma pequena amostra do interesse da artista/estudante pela paisagem e de como a paisagem vem sofrendo modificações causadas pelo homem.

Tábita originalmente do interior de Goiás, guarda em suas lembranças paisagens avermelhadas cor fruto do óxido de ferro. Desde pequena se relaciona com a terra de maneira interativa e imersiva. Segundo ela a terra não era algo somente para ser vista, mas sentida e experimentada.

A vermelhidão aflorada na paisagem que tanto a encantou continha uma contradição, a exuberância e força do vermelho, e a destruição e degradação da natureza. Esse afloramento, muitas das vezes, em forma de fenda são as - Erosões - entranhas da terra, feridas, índice de que a terra está sofrendo.

A partir dessa dupla força contraditória Tábita teve que negociar suas lembranças e sentimentos e reposicionar a paisagem para concepções contemporâneas tais como: aquecimento global, desertificação do solo, alteração climática, extração do solo, monocultura, etc. Logo a paisagem descreve a saúde da terra.

Pintar paisagem assume a partir daqui uma posição ético/política em relação a Terra. Pintar paisagem é poder contribuir para que o observador tenha uma consciência planetária.

Ao final Terra Nua passou a ser uma descoberta da artista, das sensações e afetos dispersos da infância para uma política artística da terra.

Frederico Carvalho



Gal Macunaíma - DUARTE, Tábita. *Condomínios*. Acrílica sobre tela, 50 x 40 cm, 2021.



Gal Macunaíma - DUARTE, Tábita. *Terras do conde 2.* Óleo sobre tela, 40 x 50 cm, 2021.



Gal Macunaíma - DUARTE, Tábita. *Pasto e árvore caída*. Acrílica sobre tela. 30x40cm, 2018



Gal Macunaíma - DUARTE, Tábita. *Entrada do trevo.* Acrílica sobre tela, 60 x 40 cm, 2018.



Gal Macunaíma - DUARTE, Tábita. *Da janela do carro 1 e 2 RJ-SP*, acrílica sobre tela, 20 x 30 cm, 2018.

OS GUACHES



Gal Macunaíma - DUARTE, Tábita. *Voçorocas*. Guache sobre ficha kraft, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



Gal Macunaíma - DUARTE, Tábita. *Resiliência*. Guache sobre ficha kraft, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



Gal Macunaíma - DUARTE, Tábita. *Morro pelado*. Guache sobre ficha kraft, 12,8 x 20,4 cm, 2022.



Gal Macunaíma - DUARTE, Tábita. *Acidente Ambiental*. Guache sobre ficha kraft, 21x 29,5 cm, 2022.



Gal Macunaíma – DUARTE, Tábita. Impressões. Guache sobre madeirite, 7,5 x 24 cm, 2022.